



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UNAGEO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUANDERSON MENDES DE ALMEIDA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: CAPITÃES DA AREIA COMO
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

CAJAZEIRAS – PB

2022

LUANDERSON MENDES DE ALMEIDA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: CAPITÃES DA AREIA COMO
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa: Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

CAJAZEIRAS – PB

2022

A447g Almeida, Luanderson Mendes de.
Geografia e literatura: Capitães da Areia como representação do espaço urbano / Luanderson Mendes de Almeida. - Cajazeiras, 2022.
86f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2022.

1. Geografia - ensino. 2. Literatura. 3. Representação geográfica. 4. Espaço urbano. 5. Interdisciplinaridade. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 91:37

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

LUANDERSON MENDES DE ALMEIDA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: CAPITÃES DA AREIA COMO
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

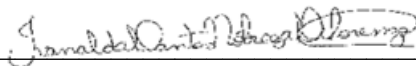
Orientadora: Profa: Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Aprovado em: 30/03/2022

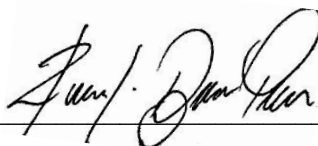
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves
(ORIENTADORA - UNAGEO/CFP/UFCG)



Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
(UNAGEO/CFP/UFCG)



Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa
(UNAGEO/CFP/UFCG)

Dedico este trabalho a minha família em especial,
pelo amor incondicional e o apoio em todos os
momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pelo discernimento e força para lidar com os obstáculos no decorrer da caminhada acadêmica.

Aos meus pais, Manuel Luciano Mendes (*In memoriam*) e Francisca Cileide de Almeida Mendes, pelo carinho e incentivo.

À minha irmã, Lidiane, por estar sempre ao meu lado.

À minha orientadora, a Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves, que apesar de todas as suas ocupações acadêmicas, aceitou a tarefa de orientar a construção deste trabalho. Obrigado pelas valiosas contribuições durante toda minha formação.

À banca examinadora, o professor Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa e a professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, obrigado pelos comentários, avaliações e pelos ensinamentos oferecidos durante os anos de curso.

Aos demais professores da Graduação, por dividirem os seus conhecimentos comigo.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, Paraíba (PB), um espaço de desafios que me proporcionou momentos únicos. Agradeço pelo acolhimento e pelo ensino de qualidade e excelência.

Aos meus colegas da turma 2016.1 do curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de professores (CFP), que partilharam comigo todos os momentos, minha admiração e gratidão.

A todos que contribuíram diretamente ou indiretamente para a realização deste sonho.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como finalidade construir um diálogo a respeito da inserção da literatura como metodologia de ensino, com base na análise da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, a partir das possibilidades para o ensino de Geografia. Nesse sentido, delineamos a trajetória da Geografia Escolar, evidenciando as possibilidades de um ensino interdisciplinar com textos literários, visto que a literatura pode representar uma dada realidade a qual a Geografia deve investigar e se beneficiar. A metodologia desenvolvida parte de um estudo qualitativo de abordagem descritiva-exploratória, elaborado no decorrer de seis meses, por meio da pesquisa bibliográfica e documental. Para tanto se utilizou como aporte teórico para a discussão autores como: Amado (2009, 2012); Andrade e Brandão (2009); Santos (2012). As análises da obra buscam investigar o espaço urbano da cidade de Salvador, Bahia (BA), a partir dos significados atribuídos pelo escritor literário, englobando o mapeamento e registro de fotografias dos espaços apresentados. Com base nas pesquisas e nos levantamentos das representações geográficas contidas na obra, são estabelecidas duas propostas didáticas como sugestão para o ensino de Geografia no Ensino Médio: Realidade espacial da cidade de Salvador; A desigualdade social e a segregação socioespacial.

Palavras-Chave: Geografia e Literatura. Representação geográfica. Espaço urbano. Propostas Didáticas.

ABSTRACT

This monographic work aims to build a dialogue about the insertion of as a teaching methodology, based on the analysis of the work *Capitães da Areia*, by Jorge Amado, from the possibilities for Geography. In this sense, we outline the trajectory of School Geography, highlighting the possibilities of an interdisciplinary teaching with literary texts, since literature can represent a given reality which Geography must investigate and benefit from. The methodology developed starts from a qualitative study with a descriptive-exploratory approach, elaborated over six months, through bibliographic and documentary research. To do so, use as a theoretical contribution to the discussion of authors such as: Amado (2009, 2012); Andrade and Brandão (2009); Santos (2012). Research from the work researches the space of the city of Salvador, Bahia (BA), that of the meanings attributed by the writer, the mapping and urban literary record of the spaces presented. Based on research in the surveys of geographic representations contained in the city, two didactic proposals as a proposed work for the teaching of Geography in High School: Reality of the didactic proposals of Salvador; Social inequality and socio-spatial segregation.

Keywords: Geography and Literature. Geographic representation. Urban space. Didactic Proposals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – O Farol da Barra.....	40
Figura 02 – O Palácio Rio Branco	40
Figura 03 – Largo do Pelourinho	42
Figura 04 – Monumento da Cruz Caída.....	43
Figura 05 – Duas Cidades.....	46
Figura 06 – Cidade Baixa.....	48
Figura 07 – Elevador Lacerda	50
Figura 08 – Bairro da Vitória	52
Figura 09 – Praça do Largo da Vitória	52
Figura 10 – A Baixa dos Sapateiros.....	55
Figura 11 – Avenida José Joaquim Seabra.....	56
Figura 12 – Avenida Dr. Seabra.....	57
Figura 13 – A Rua Chile.....	58
Figura 14 – Ladeira da Montanha.....	60
Figura 15 – Cais do Porto de Salvador.....	61
Figura 16 – O Trapiche.....	64
Figura 17 – O Mercado Modelo.....	65
Figura 18 – Interior do Mercado Modelo.....	66
Figura 19 – Residências do Bairro do Comércio – Salvador.....	77
Figura 20 – Edifícios do Bairro da Vitória – Salvador.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Modelo de quadro para orientar a leitura do aluno.....	70
Quadro 02 – Tópicos das respectivas investigações.....	71
Quadro 03 – Referências da categoria de análise Lugar.....	72
Quadro 04 – Referências da categoria de análise Paisagem.....	73
Quadro 05 – Referências da categoria de análise território.....	73
Quadro 06 – Referências da categoria de análise Região.....	74
Quadro 07 – Carta ao Jornal da tarde – CA.....	78
Quadro 08 – Sugestões de conteúdos.....	80

LISTAS DE SIGLAS

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros

CA – Capitães da Areia

CFE – Conselho Federal de Educação

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

FFCL/USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCD – Partido Comunista Brasileiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 GEOGRAFIA, LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE	16
2.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR: ALGUMAS REFLEXÕES	16
2.2 OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: ESPAÇO, PAISAGEM, LUGAR, TERRITÓRIO E REGIÃO.	22
2.3 GEOGRAFIA E LITERATURA: PENSANDO A APRENDIZAGEM DO ALUNO	28
3 CAPITÃES DA AREIA: CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO.....	33
3.1 A LITERATURA DE JORGE AMADO: CONTEXTO HISTÓRICO	33
3.2 CONTEXTO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ROMANESCO	35
4 UM OLHAR GEOGRÁFICO DA OBRA “CAPITÃES DA AREIA” DE JORGE AMADO.....	38
4.1 SÃO SALVADOR	38
4.2 CIDADE ALTA E CIDADE BAIXA	46
4.3 OS BAIRROS, AS RUAS E LADEIRAS	51
4.3.1 Bairros da Graça e Vitória	51
4.3.2 Ruas: Baixa dos Sapateiros e Rua Chile	54
4.3.3 Ladeira da Montanha.....	59
4.4 DEMAIS ESPAÇOS PRODUZIDOS	61
4.4.1 O Porto	61
4.4.2 O Trapiche.....	63
4.4.3 O Mercado Modelo	65
5 ENSINO DE GEOGRAFIA E LITERATURA: PROPOSTAS DIDÁTICAS.....	68
5.1 ELABORAÇÃO DAS PROPOSTAS DIDÁTICAS	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho monográfico, originou-se da indispensabilidade exigida por um docente de (re)pensar suas práticas pedagógicas conforme a estruturação dos mais variados conteúdos geográficos. Nesse sentido, é necessário discutirmos o ensino de Geografia sob a perspectiva metodológica, analisando as estratégias de ensino e aprofundando, sobretudo, em possibilidades que assegurem um melhor desenvolvimento dos conteúdos geográficos em sala de aula.

Assim, pensando em meios que possibilitem uma melhor atuação da Geografia Escolar, o trabalho busca relacionar a inserção da literatura como ferramenta co laboradora na construção do conhecimento geográfico. Ainda que haja muitas discussões sobre as formas de ensinar e como a utilização de distintas metodologias e recursos didáticos são importantes para o processo de aprendizagem, a falta de percepção acerca da interdisciplinaridade, especialmente aqui nos reportamos à Geografia e a Literatura, culminam na perda de oportunidade de compreensão de múltiplas formas interpretativas do espaço geográfico associado a outras ciências.

A pesquisa surge da vontade de trabalhar a relação entre esses dois campos, uma vez que através de leituras e análises de obras da literatura clássica, perceberam-se como suas abordagens apresentam problemáticas que podem ser contextualizadas pelo viés da geografia.

A literatura é um instrumento de reflexão e comunicação, tornando-se uma fonte de imaginação geográfica para leitura do mundo. Muitos são os cenários que se desenham da realidade, que marcam perspectivas políticas, sociais, culturais e econômicas de diferentes épocas. Questões que geram uma aproximação do aluno com ele mesmo e com seu espaço de vida, de pensar o mundo e refletir aquilo que ele vive, isto é, exercitar geograficamente a interpretação de sua realidade por meio do entendimento do espaço geográfico.

Desse modo, a pesquisa visa realizar um estudo interdisciplinar entre Geografia e Literatura por meio da análise do romance, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (1937), que em sua construção traz consigo as marcas de seu período, assim como a representação de temáticas de natureza geográfica, na medida em que promove a relação literatura, geografia e cidade. Partindo, dessa forma, o livro literário estimula e adiciona, no ambiente escolar, o debate acerca do urbano e das relações socioespaciais concebidas, temas de interesse à Geografia.

A temática no que lhe concerne, torna-se importante para a formação do aluno, o contato com a linguagem literária favorece na ampliação de habilidades como: leitura, análise,

interpretação e criticidade. A realidade está presente na arte, por isso, deve ser melhor articulada na Educação Básica e na formação inicial e continuada docente, em prol da construção de um ensino de Geografia capaz de cumprir com seus objetivos, a partir de diferentes propostas.

O Objetivo Geral da pesquisa é, portanto, construir um diálogo a respeito da inserção da literatura como metodologia no ensino de Geografia, tendo como referência a obra literária regionalista/urbanista, *Capitães da Areia*. Como Objetivos Específicos: argumentar sobre a linguagem literária nas aulas de Geografia; identificar o contexto histórico-literário de *Capitães da Areia*; desvendar e caracterizar a paisagem urbana da obra e sistematizar propostas didáticas acerca das problemáticas expressas no livro.

A respeito das metodologias empregadas, o presente trabalho, fundamentou-se na pesquisa bibliográfica. Durante o processo, realizaram-se seleções, leituras e fichamentos de textos (livros, teses, artigos científicos, monografias, dentre outros) que analisam o ensino de Geografia, bem como os que contextualizam os conteúdos geográficos em obras literárias. O trabalho conta também com a pesquisa documental, tendo como foco a investigação do espaço urbano da cidade de Salvador, Bahia (BA) da obra supracitada.

Nessa circunstância, o trabalho possui uma estruturação textual dividida em 5 capítulos. O primeiro, introdutório, apresenta um resumo da temática a ser discutida, a justificativa, os objetivos e a metodologia para a realização do estudo, assim como, a estruturação dos demais capítulos.

No segundo capítulo, analisaremos a trajetória da Geografia Escolar e seus desafios na contemporaneidade, partindo da necessidade da construção da noção espacial do aluno. O capítulo da sequência a discussão acerca das categorias de análise da Geografia (Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região), incluindo o debate acerca das possibilidades do ensino interdisciplinar entre Geografia e Literatura.

No terceiro capítulo, dissertaremos sobre o contexto em que a obra analisada foi desenvolvida. Abordaremos o contexto histórico – Ditadura Vargas - e os princípios utilizados por Jorge Amado na estruturação da narrativa, além do contexto literário, isto é, o estilo que a obra se enquadra – Modernista - que condiciona a construção do espaço romanesco da cidade de Salvador - BA.

No quarto capítulo, trazemos um recorte de análise da cidade de Salvador a partir da obra *Capitães da Areia*. Delinearemos uma relação dos espaços reais com as representações realizadas pelo autor, explorando os sentidos que são atribuídos a cada um. Dentre os espaços,

destacamos: “São Salvador”, “A Cidade Baixa e a Cidade Alta”, “Os Bairros, Ruas e Ladeiras” e “Os Demais Espaços Construídos”.

No quinto capítulo, abordaremos duas propostas didáticas para o ensino de geografia, tendo como base, *Capitães da Areia*. A sua elaboração parte das expectativas de que as temáticas presentes na obra possibilitem a inclusão e o debate acerca dos conteúdos referentes ao espaço urbano e na estruturação de um ensino que possibilite sua aproximação com a realidade do aluno.

Por fim, apresentaremos as considerações finais e as referências utilizadas no trabalho.

2 GEOGRAFIA, LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE

A escola como espaço de formação, teve sua instalação e práticas iniciais vinculadas aos desejos da classe social dominante. Na Europa, a ampliação da escolarização pública, acima de tudo, almejava a consolidação do Estado-Nação a partir da ampliação da lógica do capitalismo industrial. Em detrimento disso, os currículos que se estabeleciam procuravam atributos que cumprissem com a formação de um indivíduo que refletisse essa recém-adquirida conjuntura.

A Geografia é reconhecida como campo disciplinar indispensável para a construção e ampliação desse projeto nacionalista. Os conteúdos geográficos eram trabalhados como descrição densa do espaço sem correlação de contextualização, resultando, assim, no enraizamento de uma proposta pedagógica subordinada e insuficiente. É nessa circunstância, que a atual Geografia escolar busca se desligar desse caráter que lhe foi atribuído, procurando ampliar o ensino da disciplina sob a perspectiva de uma visão libertária.

Em um primeiro momento, buscaremos apresentar a trajetória da Geografia escolar no Brasil. Posteriormente, apresentaremos os conceitos geográficos (Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região) e, conseqüentemente, a importância do raciocínio geográfico. Por último, argumentamos sobre as vantagens de um ensino interdisciplinar entre Geografia e Literatura.

2.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR: ALGUMAS REFLEXÕES

Direcionando-se ao cenário brasileiro, a implementação da Geografia, enquanto disciplina escolar, ocorreu na primeira metade do século XIX. Conforme analisa Rocha (2014), os avanços referentes ao campo educacional têm como ponto de partida o processo de descentralização do poder que se era exigido pelas Províncias no ano de 1934. Ainda segundo o autor, a principal medida proferida a essas unidades políticas foi a autonomia quanto ao seu sistema educacional.

Mesmo que, a prática da Geografia Escolar tenha seu início marcado pela criação do Colégio Pedro II em 1937; o período que se estende do Brasil Colônia, já se reproduzia um ensino direcionado aos conhecimentos geográficos. Tal momento, marca a educação disciplinada pelos Jesuítas.

De acordo com Zotti (2009) a Companhia de Jesus se caracterizou por estreitar relações com o poder monárquico, no que resultou no apoio para seu projeto educacional.

Melo, Vlach e Sampaio (2012) destacam que essa educação desempenhava um papel no que se refere a introdução do amor à pátria.

Quanto ao papel designado a Geografia, o mesmo se resumia a oferecer uma cultura geral aos alunos, cujo modelo de ensino, se adequava aos padrões europeus (PESSOA, 2007). Conforme afirmam Pessoa (2007), Melo, Vlach e Sampaio (2012) o ensino de Geografia se sucedeu entrelaçado com textos literários, tendo como modelo a descrição e enumeração de acontecimentos que pouco se aproximavam da realidade nacional. No decurso da educação Jesuíta, Barbosa (2016, p.91), afirma que “os conhecimentos geográficos ensinados nos estabelecimentos educacionais existentes no Brasil não estavam organizados a ponto de constituírem uma disciplina escolar específica.”

A institucionalização da Geografia como matéria escolar obrigatória na educação do País, se efetivou com a criação do Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Rocha (2014) assegura que os objetivos que se almejavam era a construção de um colégio que servisse de modelo para as demais instituições de ensino, passando a receber o “status de escola-padrão”. O valor que se é atribuído a Geografia, mediante a sua inserção como disciplina autônoma e obrigatória no currículo do colégio, faz elevá-la a um patamar de importância, uma vez que era a referência oficial de educação secundária no País.

O alinhamento estrangeiro adotado pela instituição faz com que, a organização escolar, bem como os conteúdos adotados pelas disciplinas se enquadrem ao modelo de ensino francês (ROCHA, 2014). Por sua vez, a geografia brasileira, assim como aponta Silva (2012), ficou conhecida sobretudo por ser um produto da geografia francesa. O autor prossegue afirmando que, para muitos teóricos, essa adesão ao modelo, gerou um dos entraves para o desenvolvimento do campo da Geografia Escolar, devido a essa geografia apresentar um caráter clássico e uma abordagem mais geral dos conteúdos (SILVA, 2012). Segundo Rocha (2000, p. 131 *apud* BARBOSA, 2016, p. 91),

[...] a disciplina Geografia passa a ter um novo status no currículo escolar. Influenciado pelo modelo curricular francês, no novo estabelecimento de ensino predominavam os estudos literários, mas apesar de não serem a parte mais importante daquele currículo estavam presentes as Ciências Físicas e Naturais, a História, as Línguas Modernas e a Geografia. Durante quase todo o Período Imperial, o ensino de Geografia manteve-se quase que inalterado em suas características principais, tendo sofrido poucas alterações no que diz respeito ao conteúdo ensinado ou mesmo na forma de ensinar. Praticou-se durante todo o período, a Geografia escolar de nítida orientação classista, ou seja, a Geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica, distante da realidade do(a) aluno(a).

Nesse sentido, o período imperial marca a consolidação da Geografia moderna e o desenvolvimento de um progressivo ensino tradicional. Durante esse tempo, o ensino de Geografia quase não mudou. A metodologia e o programa curricular permaneceram inalterados.

A Reforma Francisco Campos é realizada no ano de 1931 e consolidada em 1932, através do Ministro da Educação Francisco Campos, que, a partir de uma visão elitista, busca a constituição de um ensino que permitisse a elite uma formação adequada (ZOTTI s/d). Para Pessoa (2007) o ministro converge com os objetivos até então estabelecidos no processo de aquisição de conhecimento, à medida que estabelece “um modelo de ensino que proponha se desenvolver sob uma base dinâmica”. Isto é, um modelo útil de educação, que fosse contrário a práticas da memorização (PESSOA, 2007, p.51).

A disciplina de Geografia passa a fazer parte das séries do ensino fundamental. No entanto, ao passo que se tem uma nova concepção da geografia moderna, estimulada por uma nova perspectiva de ensino no ambiente escolar, o domínio ainda pertencia a uma Geografia pouco adequada a essa realidade.

Como informam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p.45), não existia curso superior no Brasil voltado para a formação de bacharéis e professores licenciados em Geografia. O que resultava na transferência dessa função para pessoas de diferentes faculdades ou ainda, por pessoas que apenas haviam concluído o que conhecemos atualmente como Ensino Médio¹. Os autores expõem que, advogados, médicos, engenheiros e seminaristas, eram os designados a serem professores da disciplina.

Nesse momento, a produção e discussão dos conhecimentos inerentes à Geografia eram realizados pelos próprios professores do Ensino Secundário bem como, eram os responsáveis pela elaboração dos livros didáticos que introduziam um ensino de Geografia com muitos problemas metodológicos (MELO, VLACH e SAMPAIO, 2012). Nesse mesmo contexto,

A Geografia, no antigo Ginásio, até a época da fundação da FFCL/USP, nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não geógrafos. Esses

¹ Com a reforma de 1931 temos, concomitantemente, a Geografia Moderna e os métodos de ensino renovado preconizados pela “Escola Nova” e pelas influências de John Dewey, então penetrando no Brasil, por intermédio de Anísio Teixeira. Isto não foi suficiente, entretanto. A experiência da implantação, pelos resultados que traria, mostrou que tanto a falta de sincronização, como a inexistência, principalmente, de um professorado dotado de plena consciência dos objetivos do ensino secundário e do papel da Geografia nesse processo, transformou as intenções pretendidas e reduziram o ensino da Geografia ao ministrar aulas de conteúdo nem sempre renovado (ISSLER, 1973, p.157 *apud* PESSOA, 2007, p.52).

expressavam, geralmente, o que foi a ciência até meados do século XIX, na Europa: enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades etc. A memória era a capacidade principal para o estudante sair-se bem nas provas. PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p. 46)

A organização do conhecimento geográfico passa por transformações a partir da criação de cursos de formação profissional. Os cursos de nível superior de Geografia no Brasil impulsionam a formação de profissionais qualificados, permitindo a consolidação e sistematização do conhecimento no país, agora, de caráter científico (SILVA, 2012).

Nos anos de 1934 e 1935 são criadas, respectivamente, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) e a Universidade do Distrito Federal, atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No que tange as suas influências acadêmicas, os ideais da escola francesa orientam as primeiras gerações de pesquisadores brasileiros, assim como toda prática pedagógica e aprendizagem geográfica (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007). Essa influência, que resultou na produção de uma geografia acadêmica sob os ideais de Vidal de La Blache, é justificada pela nacionalidade francesa dos primeiros mestres de ambas as universidades (SILVA, 2012).

A princípio, os cursos de Geografia e História firmaram-se como uma única Graduação. Adotado inicialmente pela USP, essa conjuntura sofre uma importante mudança no ano de 1957, que, impulsionados pelo avanço na produção dos trabalhos de natureza geográfica, foi estabelecido um desmembramento dos cursos, que passavam a ter vestibulares específicos para a sua ingresso (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p. 48).

O curso de licenciatura em Geografia é responsável por ingressar, gradativamente, professores formados e habilitados para trabalhar com a disciplina em sala de aula. É o momento em que se integra ao sistema educacional brasileiro, profissionais com formação científica e pedagógica.

No decorrer da institucionalização da geografia acadêmica, vamos ter a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e a Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB. Melo, Vlach e Sampaio (2012) ratificam que, a criação do IBGE surgiu da necessidade de uma instituição governamental que englobasse geógrafos, ampliando a formação (bacharel). Já a AGB, fundada em 1934, foi responsável pela difusão e aperfeiçoamento da formação dos profissionais da geografia, assim como, por produzir grandes reflexões acerca do ensino.

A primeira metade do século XX é marcada por avanços importantes, mesmo que insuficientes, pois, como destaca Pessoa (2007, p. 59), o número de faculdades foi incapaz de

preencher o corpo docente das escolas. Isso projeta no ensino da Geografia, “a permanência de uma postura metodológica e conceitual copiosamente tradicional. A geografia ensinada ainda conservava os preceitos da memorização, da exaltação à pátria, da descrição das paisagens, caracterizando o espaço, a ação do homem e a economia como elementos desarticulados, sem nenhuma preocupação em relacioná-los” (PESSOA, 2007, p. 60).

A década de 70 do século passado é marcada por bruscas mudanças na educação, atingindo diretamente a disciplina de Geografia. Melo, Vlach e Sampaio (2012) registram que, em plena ditadura militar, foi implantada a Lei de N° 5.692/71 pelo Conselho Federal de Educação (CFE). A lei delega a fixação do núcleo comum para o ensino de 1° e 2° Graus (atual Ensino Fundamental e Médio), cujo objetivo foi a criação da disciplina denominada Estudos Sociais que substituiria da grade curricular a Geografia e a História. Simultaneamente às mudanças na escola, a reforma atingiu também a formação de professores a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 5.692/1971, com a criação dos cursos de licenciatura curta, que “em dois anos de faculdade (menos de 24 meses) [...] formaram-se professores bi disciplinar de Geografia e História” (MELO, VLACH e SAMPAIO, 2012, p. 2688)

Ainda sobre os Estudos Sociais, seus objetivos específicos buscavam:

“... a integração espaço-temporal e social do educando em âmbitos gradativamente mais amplos. Os seus componentes básicos são a Geografia e a História, focalizando-se na primeira a Terra e os fenômenos naturais referidos à experiência humana, e na segunda, o desenrolar dessa experiência através dos tempos. O fulcro do ensino, a começar pelo ‘estudo do meio’, estará no aqui-e-agora do mundo em que vivemos e, particularmente, do Brasil e do seu desenvolvimento [...]. A Organização Social e Política do Brasil (incube-se de) [...] preparar ao exercício consciente da cidadania [...], consciência da Cultura Brasileira e do processo de marcha do desenvolvimento nacional...” (MINAS GERAIS, 1972:28 *apud* MELO, VLACH e SAMPAIO, 2012, p. 2688).

O surgimento da Geografia crítica no Brasil sobrevém no final da década de 1970, a partir do movimento que buscava uma Nova Geografia. A produção do conhecimento pautada na Geografia Crítica, que se inicia na década de 1980, trouxe elementos fundamentais para se tentar construir uma nova proposta teórico-metodológica, tanto para a ciência quanto para a matéria escolar (BARBOSA, 2016).

Vesentini (2008) em sua obra “*Para Uma Geografia Crítica na Escola*” destaca que a crise da Geografia se deu pela falta de consonância das competências escolares exigidas por uma sociedade que vivia à mercê das grandes transformações produzidas pelo capitalismo avançado. O espaço mundial, assim como descreve Vesentini (2008, p.13) é “descontínuo,

limitado pela economia ou pela política, móvel e difícil de ser cartografado ou captado por meras descrições [...] não é mais um elemento inerte, a ser tão somente apropriado pelo homem pela expansão econômica ou a ser visitado pelos turistas, e sim algo necessário ao movimento do capital e/ou ao controle social: é o espaço produzido, planejado, transformado em mercadoria e constantemente reconstruído.”

Reflexões como essa, ajudaram a compreender o quão insatisfatória era a Geografia moderna, tanto no campo acadêmico como a escolar. Suas teorias e metodologias não conseguiam mais explicar esse espaço de forma adequada. Seu caráter descritivo e mnemônico de metodologia pouco séria, acabou por gerar uma insatisfação nos geógrafos e professores da disciplina.

A formulação da geografia radical ou crítica parte do pressuposto de que, a escola, de forma implícita, estava vinculada ao modo de produção capitalista. Logo, o ensino da Geografia, passa a ser entendido como uma grande força que corrobora com as ideologias estabelecidas pela classe dominante. É nesse contexto, que a Geografia crítica surge para validar a importância do conhecimento geográfico; denunciar a concepção de neutralidade na pesquisa e no estudo geográfico; mostrar que a Geografia é capaz de elaborar críticas à sociedade capitalista.

Yves Lacoste (1976) deliberou em sua obra *A geografia: Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, a existência de duas geografias, a considerar: a Geografia dos Estados-maiores e a Geografia dos professores. Para Lacoste (1988, p. 14), a Geografia dos Estados-maiores “é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimento variados referentes ao espaço; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder”. Em outras palavras, uma Geografia útil às classes dominantes a qual detém o controle do planejamento e atuação do Estado. Por sua vez, a Geografia dos professores é a que camufla um discurso ideológico, tendo como objetivo mascarar sua importância, já que “ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais” (LACOSTE, 1988, p. 14).

Partindo dessas novas concepções teóricas, constata-se a necessidade de ruptura. Professores ampliam as discussões acerca do ensino de Geografia no Brasil em busca da redefinição dos seus objetivos. Delineiam, nesse momento, novas práticas e métodos pedagógicos, que apontassem a emergência de uma Geografia escolar autônoma.

Diante dos questionamentos quanto à finalidade da Geografia em sala de aula, a mesma assume o compromisso com a formação cidadã dos educandos. A efetivação desse

objetivo parte da formação de um indivíduo ativo nas tomadas de decisões frente às problemáticas da realidade que o cerca; um indivíduo proativo, capaz de ler criticamente os problemas e interesses que envolvem as relações de poder, e que aja em detrimento das transformações sociais. Desse modo, a criticidade e o engajamento põem à luz o comprometimento social, que é de extrema necessidade.

Marca-se, assim, o ensino de uma Geografia comprometida com o ser humano e a sociedade, isto é, analisar o espaço geográfico a partir da perspectiva de um espaço social. A Geografia ensinada, até então, se encontrava distante da realidade do aluno e as análises elaboradas construíam um espaço fragmentado. Pessoa (2007, p. 67) evidencia que essa nova manifestação passa “a dar importância à realidade do aluno, as suas experiências, a sua condição de vida, aos seus conflitos e interesses produzidos no tempo e no espaço”. Ainda sobre os novos propósitos,

o ensino de Geografia ao longo dos anos propõe um ensino e uma aprendizagem consubstanciada numa abordagem de ensino humanista, considerando o aluno sujeito histórico, participante da elaboração e reprodução do espaço geográfico onde este habita e estuda, um sujeito com papel ativo, elaborador de conhecimentos, e, por consequência, um aluno consciente, emancipado e autônomo envolvido com as questões sociais (BARBOSA, 2016, p.99).

A Geografia crítica destaca-se por sua pluralidade teórico-metodológica, não havendo um percurso a ser seguido, mas sim, uma sucessão de metodologias e recursos que permitem o professor desenvolver uma eficaz proposta de ensino. É importante enfatizar que o professor de Geografia deve estar em um contínuo processo de formação, buscando meios e técnicas que favoreçam a formação reflexiva do aluno.

O saber geográfico é um instrumento de libertação. Nesse sentido, é preciso que haja um esforço para que a Geografia escolar progrida em consonância com as discussões teóricas. Só assim, se projetará um ensino de uma Geografia Crítica, comprometida em desvincular-se dos padrões arraigados, disposta a lidar com o novo e o inexplorado.

2.2 OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: ESPAÇO, PAISAGEM, LUGAR, TERRITÓRIO E REGIÃO.

A construção do conhecimento geográfico na contemporaneidade busca proporcionar ao educando uma formação que o permita ler e compreender as complexidades do mundo

atual. É partindo desse interesse, que os conceitos nas aulas de Geografia atuam para viabilizar a explicação concreta do espaço geográfico em articulação com as mais diferentes realidades.

A Geografia se encarrega em investigar a relação sociedade e natureza, bem como as formas de apropriação e transformação do espaço em detrimento das necessidades do ser humano. Callai (2005) defende que o exercício da cidadania tem como necessidade básica a capacidade de ler e escrever o mundo. Para a autora, ler o mundo não se restringe a leitura cartográfica, tampouco a leitura de mapas (embora seja muito importante), é a capacidade de correlacionar o mundo e a vida humana.

Ao refletir sobre isto, torna-se essencial no processo de ensino e aprendizagem o desenvolvimento de uma linguagem geográfica que permita ao aluno a compreensão do seu “eu” no mundo (CALLAI, 2005, p.230). Isto é, a sua relação, enquanto sujeito, com a construção do espaço geográfico.

De acordo com Lisboa (2007, p.25) “Não se deve pensar nos conceitos como algo pronto e acabado e que serve de memorização, pois eles estão em constante construção”. Além do que, o desenvolvimento desses conceitos na Geografia, surgem da necessidade de analisar a sociedade, não havendo como trabalhá-los dissociados da realidade do aluno, isso resultaria na perda de sentido dos conceitos (LISBOA, 2007).

A partir de uma construção epistemológica, a Geografia desenvolveu um quadro conceitual, dentre eles destacamos: Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região. Haesbaert (2014 *apud* FUNI e MELLO, 2016) defende que esses conceitos se relacionam entre si como em uma constelação, na qual o espaço geográfico se apresenta como sendo a estrela principal, ou seja, o conceito central. As categorias de análise são organizadas e reorganizadas de acordo com as questões que envolvem a investigação, logo, esse aporte conceitual é aplicado para enfrentar e responder determinadas problemáticas.

O Espaço Geográfico se apresenta como sendo o conceito-chave, pois, além de ser o mais amplo, é o responsável por derivar os demais. Ainda nessa linha de pensamento, Castro, Gomes e Corrêa (2000) afirmam que há uma forte ligação entre esses conceitos, devido ao fato de que todos manifestam o ser humano como agente modelador da superfície da terra.

Nessa perspectiva, a construção do espaço geográfico se materializa através das ações antrópicas sobre o espaço natural, sendo elas a partir de práticas econômicas, sociais, culturais, presentes no cotidiano das sociedades. Essa interação entre o homem e o meio produz um espaço marcado por um forte dinamismo, porque, na medida em que a sociedade

amplia suas interferências na natureza, resulta automaticamente na expansão do espaço geográfico em todo o planeta Terra.

Para Santos (1996, p. 39) o espaço “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Com isso, Milton Santos descreve que a produção do espaço geográfico está diretamente vinculada à lógica de produção, que, por meio das técnicas, os objetos naturais são transformados em tecnológicos, que por sua vez, modificam e são modificados pelo meio.

O espaço geográfico é compreendido também como um espaço social, concreto, em movimento, assim como destaca Silva et. al., (2012). Por ser o objeto de estudo da Geografia escolar, é necessário que suas análises se desenvolvam nas diferentes amplitudes, isto é, nas mais diferentes escalas, sendo elas: global, continental, regional, da cidade, da rua, da casa ou de um cômodo do seu interior (CASTRO, GOMES e CORRÊA 2000, p. 15).

O conceito de paisagem está intrinsecamente ligado à sensibilidade, a percepção de uma realidade espacial se constitui com base nos sentidos humanos. Uma grande maioria restringe a paisagem apenas a um único sentido, o campo do visual. Ainda que, dentre os sentidos, a visão seja a mais apropriada para apreciar a realidade, a identificação plena de uma paisagem vai além do que nossa visão alcança. A exploração da paisagem deve levar em consideração informações como: cores, movimentos, sons, odores, dentre outros fatores.

Nas palavras de Silva (2016), a paisagem é um meio que precisa ser desvendado, mas não somente enquanto forma (aparência), é preciso buscar compreender seu conteúdo social que também faz parte da sua essência. O autor ainda descreve a inter-relação existente entre a objetividade, subjetividade do observador, bem como a intencionalidade, que é a responsável pelo recorte analítico da paisagem.

A leitura da paisagem, assim como compreende Callai (2005) é um modo diferente de desvendar as singularidades do espaço de investigação. É possível desvendar a história da comunidade que ali vive, dos recursos naturais presentes, bem como suas formas de utilização; a paisagem reflete os acontecimentos, estes são perceptíveis por meio da sua materialização no espaço.

Santos (1996, p. 66) define a paisagem como sendo “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza.”

Nesse sentido, compreendemos que a paisagem é construída no decorrer da acumulação de acontecimentos históricos, o que se verifica na construção de uma paisagem

atual são seus elementos estáticos (permanência) e dinâmicos (mudanças). Em geral, há uma diferença entre as mudanças originadas pela natureza e das ações humanas, a primeira são alterações percebidas de forma mais lenta, enquanto a segunda se acentua de maneira mais rápida (LISBOA, 2007, p.27).

Ainda de acordo com o conceito de paisagem, a mesma é classificada em duas categorias: as paisagens naturais, que se constituem como um conjunto de elementos naturais, e a paisagens artificiais que são construídas a partir da transformação da natureza através da ação humana, tendo como destaque as áreas urbanas.

O conceito de lugar não se resume à simples localização geográfica, ele está ligado a um conjunto de associações e experiências subjetivas do sujeito com o seu espaço vivido. A percepção de lugar está ligada à identidade, ao relacionamento entre os indivíduos no ambiente, ou seja, o lugar é a porção do espaço geográfico onde se desenvolve a vida, as atividades cotidianas, das relações interpessoais do dia a dia.

É nesse sentido que Carlos (2007 *apud* D'ÁVILA, 2018, p.25) define o lugar como “produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.”

Para Santos (1988) “cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra”, apesar dos lugares possuírem características em comum, eles não deixam de ser únicos, pois são repletos de elementos que os diferenciam. As combinações entre os aspectos sociais, culturais, políticos e físicos fazem com que exista essa individualização.

A construção do sentido que se atribui ao lugar parte da singularidade dos mais diferentes ambientes de convívio e com eles seus modos de vida, essas características próprias, acabam por construir laços de afetividade no indivíduo, desenvolvendo assim, a identificação pessoal e o sentimento de pertencimento. Ainda de acordo com a reflexão, os PCNs de geografia destacam que:

[...] A categoria lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos afetivos: uma praça onde se brinca desde criança, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. É por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo (BRASIL, 1998, P. 29).

Dessa maneira Callai (2005) já afirmava a necessidade de interpretação do lugar, uma vez que viabiliza a compreensão da realidade. O sujeito partindo da sua vivência, permite associar e comparar com as mais diferentes realidades espaciais, sejam elas local, regional, nacional ou global. Nesse sentido, “ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido” (CALLAI, 2005, p.241).

O território é um conceito que pode ser abordado sob diversas perspectivas. No entanto, em sua essência, é caracterizado pelos aspectos de domínio e poder. Silva (2016) afirma que o território deve ser apreendido como um produto das relações de poder do homem com o espaço, que vão se firmando ao longo de toda sua existência.

Nessa perspectiva, dentre as noções de escala, a estabelecida pelo Estado, que compreende o território como uma área delimitada – as divisões administrativas - é a concepção mais comum dessa categoria. Dentre as convicções:

O território passou a ser identificado com o espaço do Estado-Nação, sustentáculo físico da soberania nacional. Território associa-se, portanto, à noção de soberania, poder e controle, além de conter uma dimensão simbólica, um sentido de enraizamento, uma evidência de construção compartilhada e um papel na construção das identidades sociais. (BRASIL, 2006, p.13)

Indo além do material, o território também tem seu significado simbólico (imaterial), como espaço que contém atos históricos, laços de identidade e valores culturais, que firma o modo de vida e a memória da comunidade. Essa percepção também pode ser notada no momento em que as comunidades constroem ações organizadas (territorialidade), cujo intuito é demarcar e defender seu território.

Nas relações de poder, e na luta pelo território, esse conceito passa a ser compreendido como resistência. Para Raffestin (1993, p.188) essa resistência ao espaço parte de grupos de excluídos e marginalizados, “que pertencem e não pertencem à coletividade”. É nesse sentido, que o autor aborda a segregação socioespacial como espelho aos movimentos de resistência:

De fato, o proletariado é indispensável na instauração do poderio econômico, e, portanto, contribui para a unidade econômica fundadora da centralidade moderna, mas ao mesmo tempo ele deve ser rejeitado e, eventualmente, deve perecer. “Rejeitado” ele é, como vítima mandada para a periferia, para as margens. E é essa rejeição que institui a marginalidade. Centralidade e marginalidade se definem uma em relação a outra e são especificamente relacionais, ou seja, podem se inverter no território, sem que o mecanismo

seja questionado: a centralidade pode se tornar marginalidade e vice-versa, num dado lugar. (RAFFESTIN, 1993.p.188).

O conceito de região sempre esteve ligado à necessidade de explicação e diferenciação de áreas, nesse sentido, a região é uma unidade política-territorial que se traduz como sendo um conjunto de áreas. O que distingue essas áreas e conseqüentemente as agrupam ou diferenciam, é resultado da sua relação direta com o seu entorno (SANTOS, 1996, p.165).

As noções que são atribuídas ao termo região por Castro, Gomes e Corrêa (2000), quando ao seu sentido geográfico, relacionam-no ao conceito de globalização. Geralmente, ao falarmos sobre globalização, automaticamente associamos ao desenvolvimento de um mundo homogêneo, “com uma economia unificada, de uma dinâmica cultural hegemônica, de uma sociedade compreendida como um processo de reprodução social global” o que geraria uma forte oposição entre Estado e regiões (CASTRO, GOMES e CORRÊA 2000, p. 71). Em discordância a essas colocações, Santos (1996, p.165) descreve que “nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização”. Ou seja, ao passo em que o espaço se fragmenta, existe uma articulação entre eles. Silva (2016) em concordância com as considerações de Lencioni (2009), esclarece que:

A região é uma instância entre o local e o global com várias possibilidades de recortes de análise. Isto significa que, diante de fenômenos como a ressignificação do papel do Estado com suas fronteiras mais porosas, organismos financeiros e políticos que atuam em escalas mais abrangentes, é na escala regional que podemos perceber a espacialidade de processos globais.

Nesse sentido, as regiões são elaboradas a partir do processo de regionalização ou divisão do espaço. Essa segmentação procura, relativamente, agrupar as características que se assemelham, não necessariamente idênticas. Para a sua realização é necessário estabelecer um conjunto de objetivos e critérios, podendo ser natural, social, econômico, políticos, dentre outros. Esses critérios podem variar de acordo com o problema, além do mais, um mesmo espaço pode ser multiplamente regionalizado, variando de acordo com a questão que se deseja explicar.

É importante ressaltar que essa homogeneidade de elementos humanos e naturais, permitem também atribuir ao conceito de região o sentimento de pertencimento da população com a região a qual está inserida.

Fundamentando-se nessa concisa discussão, o estudo dos conceitos geográficos é importante para que o aluno compreenda as características e a evolução das ações humanas sobre o meio em que vive, bem como desenvolver o pensamento espacial, assim, permitindo-o, localizar, analisar e entender a organização e os significados dos variados espaços.

A partir do seu conjunto de temas e conteúdo, o ensino de Geografia é capaz de formar um aluno apto a perceber o mundo e as mais diferentes realidades, as categorias de análises, formuladas e reformuladas ao longo dos anos, permitem desenvolver um olhar e um raciocínio geográfico, consciente e crítico.

Em virtude disso, para que essa linguagem geográfica adentre verdadeiramente no ambiente escolar, é preciso que o professor, a partir da mediação pedagógica, busque meios/ferramentas que melhor articule esses conceitos.

2.3 GEOGRAFIA E LITERATURA: PENSANDO A APRENDIZAGEM DO ALUNO

A geografia escolar anseia a formação de cidadãos capazes de compreender o espaço e os cenários que o envolve. A partir da percepção da realidade em que vive, o indivíduo torna-se capaz de produzir leituras do mundo contemporâneo, fazendo-se, assim, um sujeito consciente e ativo no comportamento inerente à sociedade.

É na escola, através do ensino, que se deve proporcionar os caminhos necessários para que o sujeito desenvolva e aplique seus conhecimentos (CASTROGIOVANNI et.al., 2007). Com isso, compreende-se que a construção do conhecimento é uma ação socialmente necessária, sendo ela conduzida pelo professor. Nessa construção do conhecimento, os professores são responsáveis em utilizar metodologias que façam a interação do aluno com os objetos de conhecimento (CAVALCANTI, 2012).

A ciência geográfica ao longo de sua trajetória teve como trabalho buscar uma interdisciplinaridade eficaz com outros campos do conhecimento. A esse respeito, Santos (2004, p. 138) explica que essas interações geraram temores que deveriam ser enfrentados, pois, se constituíam como tarefas necessárias. Diante disso, pode-se dizer que as mesmas colocações se direcionam a geografia escolar, na medida em que, na perspectiva de uma educação Pós-moderna, o ensino se caracteriza pela interdisciplinaridade, pela busca de metodologias e recursos didáticos que viabilizem uma melhor aplicação dos conteúdos geográficos.

Tendo como base a busca por um processo de ensino e aprendizagem pautado na construção de uma educação que viabilize a formação e desenvolvimento de um aluno crítico

e com capacidade reflexiva, a conexão Geografia e Literatura além de potencializar esses anseios, viabiliza a construção de um ensino interdisciplinar entre dois campos que se integralizam. Para Uehbe (2018, p.23) “a relação que se estabelece entre às duas disciplinas não buscam a inviabilização de um pela outra, ou sua possível substituição”, ou seja, o encadeamento se estabelece no tratamento dos conceitos geográficos nas mais diferentes obras literárias. A junção entre a arte e os conceitos científicos, produzem conhecimentos das mais diferentes realidades do mundo.

Nessa perspectiva, os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) expõe que:

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço (BRASIL, 1998, p.33).

Historicamente, ciência e arte se constituíam como elementos que concebiam antagonismo, separadas pelo movimento de fragmentação do conhecimento. Portanto, a intersecção existente entre a subjetividade da arte e o rigor científico foi rejeitada por muito tempo. Somente ao longo da história do pensamento geográfico, que fica claro a interdependência desses dois campos, no que se refere às formas de ver o mundo (UEHBE, 2018). Dessa forma, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) também demonstram em seus estudos que a interdisciplinaridade, tendo como foco a literatura, cria oportunidades de práticas que devem ser bem mais exploradas na educação.

A partir dos discursos científicos e literários é possível expressar vivências e experiências das mais diferentes realidades, a linguagem que se estabelece não se resume a um meio de expressão, mas um meio de comunicação. Segundo Wellek e Warren (2003, p. 15) “A literatura possui uma linguagem histórica, é cheia de homônimos; é permeada de acidentes históricos, lembranças e associações [...] A linguagem literária está longe de ser meramente referencial. Ela tem o seu lado expressivo; ela comunica o tom e a postura do falante ou escritor.”

Para Barreto (2008, p. 15 *apud* Sousa, 2013, p. 48),

Partindo das experiências pessoais e sociais, o artista recria a realidade, dando origem a uma outra realidade ou a uma realidade ficcional. Por meio dessa outra realidade, ele consegue transmitir seus sentimentos e ideias ao mundo real de onde se origina. A reação do público a obra também pode modificar atitudes futuras do artista. Assim, a obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade. E, como outras obras

de arte, ela não só nasce vinculada a certa realidade, mas também pode interferir nela, contribuindo no processo de transformação social.

A literatura é uma “ficção”, uma “imitação da vida” artística, verbal (Wellek e Warren, 2003, p. 15). Segundo Eagleton (2006), para os literários, a distinção entre “fato” e “ficção” não possui utilidade, visto que as razões que os levam a diferenciação é muita das vezes questionável. Sabe-se que a arte não se apresenta como uma cópia leal da realidade, mas a literatura imprime fatos que se ligam à vivência do leitor. A verossimilhança permite a associação e fixação de problemáticas que se distanciam no tempo e no espaço.

No ambiente escolar, a linguagem literária transporta diferentes contextos do mundo, sejam eles cotidianos aos alunos ou não. Essa interpretação, se apresenta como uma força que direciona os alunos a lugares ou situações que possam ser associados à sua vivência. Consequentemente, levar essas narrativas literárias para o ensino de Geografia também possibilita que o aluno conheça ocasiões que jamais poderiam ser experienciadas pelos mesmos, ou seja, um mundo diferente do seu, mas que pode guardar semelhanças e que merecem ser discutidas as realidades da ficção e dos educandos. De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 236), “a literatura é fonte de prazer, mas não é só isso. É igualmente um modo de conhecer o mundo. Nós não teríamos condições de conhecer o mundo, o todo da vida dos homens, apenas no curto período de tempo de nossas vidas.”

Nessa perspectiva, a literatura ao aproximar o aluno de distintas realidades, permite criar associações que o auxiliem no esclarecimento de situações inerentes ao seu contexto de vida, sejam circunstâncias que imprimam uma boa relação com o ambiente ou até mesmo situações de descontentamento. O fato é que, desperta no discente, enquanto cidadão consciente, o esclarecimento e a possibilidade de intervenção nas questões sociais ou políticas do seu espaço vivido (WELLEK e WARREN, 2003).

Portanto, as tramas literárias conduzem a um mundo de sensações e emoções, que induzem o aluno a pesquisar sobre os temas abordados, despertando a curiosidade e o interesse que o leva além das informações presentes no livro. Para isso, é necessária a colaboração do professor, pois sem o estímulo necessário, torna-se difícil trabalhar, em sala de aula, com uma obra literária completa. No que tange a esse trabalho em conjunto, professor e aluno, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 227) afirmam:

Cabe ao professor de qualquer disciplina motivar o aluno a encarar os estudos como uma tarefa significativa e interessante. Se o aluno apresenta dificuldades em ler, analisar e redigir textos, é importante a orientação docente. O argumento comumente utilizado de que —não somos professores

de Língua Portuguesa não se justifica. Em qualquer disciplina, também em Geografia, é possível orientar os alunos para a melhor maneira de estudar um texto, desenvolvendo a capacidade de lidar com essa forma de comunicação e ampliando a possibilidade de compreender a realidade social com maior profundidade.

Para além do incentivo proferido pelo professor, é preciso dar sentido às leituras propostas, incluir o aluno em projetos em que tragam contribuições a sua formação, promover o diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. Portanto, a literatura é uma ferramenta importante para as aulas de Geografia e apresenta-se como um instrumento essencial para o aluno, justamente pelo aprofundamento de informações (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2009, p. 237).

Nessa perspectiva, o professor de Geografia ao incluir textos literários em suas aulas, possibilita que o aluno utilize a imaginação para trabalhar conceitos geográficos como: espaço, paisagem, lugar, território e região. Todavia, a literatura nos leva a pensar além, é possível ir além dos conceitos geográficos.

Segundo Marandola (2006, p. 76):

Buscar a Cidade na Literatura, não é apenas buscar um conceito geográfico. Implica o encontro de experiências, culturas, lugares, histórias e pessoas. Implica o resgate do sentido holístico da geograficidade e a plena abrangência da condição humana na sociedade contemporânea.

O espaço é compreendido por Milton Santos (2004) como um conjunto de formas constituídas ao longo do tempo a partir de suas mais diversas relações sociais, o que exige da sociedade um olhar analítico acerca dele. Nesse sentido, cabe à Geografia Escolar desempenhar essa importante função na formação dos alunos como um todo, ampliar suas compreensões e formas de analisar o mundo e seus mais diferentes espaços.

Marandola (2006, p.64) enfatiza que “Através da literatura, as manifestações sociais trazem diversos aspectos do mundo, entre elas, as que se manifestam no espaço ou as que são manifestações de um espaço”, isto é, as imagens criadas pelos autores através dos seus sentimentos e emoções, faz com que a subjetividade artística penetre no imaginário social, permitindo ir além dos conceitos geográficos. A maneira como a literatura imprime a relação Sociedade/Natureza permite a compreensão de diversas paisagens, relações sociais, culturais, políticas, econômicas, dentre muitos outros aspectos.

Frente a isso, a literatura abre portas, amplia caminhos, desperta novos olhares. O hábito da leitura permite a formação de um indivíduo reflexivo, contribuindo com sua bagagem intelectual e cultural. A literatura é reflexo da sociedade e, ao mesmo tempo, é de

necessária importância a esta, a indissociabilidade delas, principalmente no ambiente escolar, deve sempre ser ressaltada.

Como parte da análise do objeto de estudo da pesquisa - *Capitães da Areia* - o capítulo a seguir traz algumas reflexões em torno do contexto histórico-literário da obra, destacando elementos que influenciaram na construção da narrativa romanesca.

3 CAPITÃES DA AREIA: CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO

A literatura possui, em sua essência, uma linguagem capaz de representar momentos da história. Se submetemos as obras literárias a uma análise, é possível extrair delas, sua realidade social, política, econômica, bem como as convicções e costumes de uma dada época. As produções literárias carregam consigo as manifestações do seu período de produção, tornando-se matérias atemporais, pois marcam diferentes momentos da cultura ao longo tempo. Nessa ótica, a seguir, apresentaremos a forma e os princípios de produção, isto é, o contexto histórico-literário de *Capitães da Areia* (CA) de Jorge Amado.

3.1 A LITERATURA DE JORGE AMADO: CONTEXTO HISTÓRICO

Em um contexto do Brasil República, mas especificamente dos eventos que marcam a Revolução de 1930 e apontam o fim da República Velha (1885 – 1930); temos um país agrário, onde o poder político limitava-se aos interesses dos grandes proprietários rurais. É o momento da história compreendido pela Política do Café com Leite, em que a sucessão presidencial se restringia aos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Esse cenário se desestabiliza em 1929 com a quebra da bolsa de Nova York, que com ela, introduz uma crise econômica internacional. Os Estados Unidos estabeleceu-se como principal consumidor do café, aqui produzido no Brasil. Com a iminente redução na sua exportação, a produção entra em crise, reverberando categoricamente em todo território nacional. Costa (2016, p. 107) nos lembra que o impacto dessa tragédia, além de tudo, é resultado de uma economia pouco diversificada, em que, “o café representava mais 75% das nossas exportações”.

É nesse contexto de ruptura, que em 1930, o Estado Oligárquico é substituído pelo golpe de Estado de Getúlio Vargas, que busca enquadrar o Brasil aos novos parâmetros da economia internacional. Nascimento *et al.* (2019, p.33) apontam que dentre os planos para o País, “equacionar a dívida social, investir na educação, saúde e industrialização” eram as prioridades do governo.

Nesse período, sucedia-se, em escala mundial, a difusão das ideias comunistas. Em todo o mundo, reverbera essa nova ideologia, impulsionando o surgimento de grupos radicalistas e da polarização política no Brasil. Após o fracasso da Intentona Comunista (1935), de disseminar essa ideologia nos estados brasileiros, o Governo passou a perseguir

membros e pessoas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Conforme Othon Jambeiro *et.al.*, (2004, p.88):

A preocupação e controle de Vargas sobre os comunistas tornaram-se cada vez maior. A consolidação do stalinismo na União Soviética, aliada à disseminação dos ideais comunistas, em oposição ao nazifascismo, na Europa, contribuía para a formação de ambiente de tensão em escala mundial. No Brasil, o medo da suposta ameaça vermelha favoreceu a conspiração do governo e passou a integrar o rol de justificativas de Vargas para, em 10 de novembro de 1937, anunciar o Golpe de Estado e impor à nação o Estado de Sítio.

Rompendo com a nova ordem jurídico-política (estabelecida pela constituição de 1934), que tinha como regulamento a alternância presidencial (JAMBEIRO et al., 2004), Vargas utiliza da ameaça comunista para instaurar o Estado Novo (1937 –1945), dando início ao período Ditatorial de repressão política.

O livro *Capitães da Areia* se destaca por seu engajamento político-literário baseado na ideologia comunista do autor e pelo período ditatorial em questão. O tema da desigualdade é conduzido à medida que Jorge Amado (1937) escreve acerca da infância na rua. O escritor constrói uma crítica às questões sociais, elevando as crianças de rua como protagonistas ao invés de vê-las como socialmente marginalizadas.

Nesse contexto de produção da obra, a Ditadura Varguista mantinha ao seu lado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no qual era responsável pela filtragem e censura de jornais, músicas e livros da época. Jorge Amado, não obstante, sofreu com a repressão do Estado Novo, tornando-se uma ameaça principalmente por estar afiliado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e por produzir uma literatura que se enquadra no neorrealismo. Esta, abordando temas como: greves, revolução e consciência de classe, como é o caso de *Capitães da Areia* (CA). Nesse sentido, Goldstein e Schwarcz (2008, p. 82) acrescentam que:

Em meados dos anos 30, Jorge Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, pela América Latina e pelos Estados Unidos, durante a qual escreveu *Capitães da Areia*. Ao retornar, foi preso novamente, devido à supressão da liberdade política decorrente da proclamação do Estado Novo (1937-50), regime de exceção instituído por Getúlio Vargas. Em Salvador, mais de mil exemplares de seus livros foram queimados em praça pública pela polícia do regime.

Portanto, os romances da “Geração de 30” marcam o momento em que a literatura passa a absorver e incorporar valores referentes ao meio social, ou seja, uma abordagem crítica de questões sociopolíticas. As obras não apenas revelam o contexto histórico, mas também se estabelecem como importantes meios de comunicação.

3.2 CONTEXTO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ROMANESCO

No período compreendido como a Era Moderna, cujo início se estabelece na primeira metade do século XIX se estendendo até os dias atuais; no Brasil, as manifestações literárias percorrem por diferentes estilos, cada um com seu delineamento próprio e arcabouço de autores e obras. Nesse cenário, as escolas literárias que compõem esse período são: Romantismo, Realismo/Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo (século XIX ao XX), Modernismo e Pós-Modernismo (Século XX).

A obra *Capitães da Areia*, se projeta na literatura brasileira no momento entendido como Modernismo. Essa escola literária, assim como as demais, com suas premissas e particularidades, tem como principal propósito, o rompimento com a produção de uma literatura do passado.

Entretanto, o que antecede a formação do modernismo é o Pré-Modernismo (1910 – 1922). Este é compreendido como o momento de transição. A literatura produzida nessa fase tem como temas “tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (BOSI, 1994, p.306). Partindo de uma linguagem simples, autores pré-modernistas, como: Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, expõem os problemas sociais, mostrando a realidade do Brasil através de uma literatura regionalista (BOSI, 1994).

O regionalismo é o responsável pelo surgimento do Pré-Modernismo, mas não só isso, embasa grandes obras de todo o Século XX. Através das peculiaridades de grupos sociais, particularidades linguísticas, dos modos de vivência rural e urbana, assim como características físicas dos mais diferentes lugares, surgem uma literatura reflexiva e crítica.

Nessa perspectiva, o Modernismo ganha forma, enquanto nova corrente, no ano de 1922 quando em São Paulo, realizava-se a Semana de Arte Moderna. Conforme citado por Nascimento (2015), o estado e a cidade de São Paulo, já no início do século XX, passavam por mudanças no seu cenário econômico, tanto pelo advento da imigração de europeus, quanto pelo início do processo de industrialização. Essas transformações resultam no surgimento de uma Burguesia industrial e do proletariado (NASCIMENTO, 2015).

Partindo dessa atmosfera de mudanças no quadro social, que cada vez mais se fortalece entre os artistas e intelectuais a busca por uma literatura de caráter nacionalista, obras que imprimissem em sua totalidade, a realidade vivenciada e experimentada por aqueles que constituíam a nação brasileira. Logo, inspirando-se nas vanguardas europeias, o grupo de artistas (Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, assim como outros) busca a independência cultural brasileira, o que resulta na concepção da Semana de Arte Moderna. Para Bosi (1994, p.340),

A Semana foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobra-se em viva realidade cultural.

É, portanto, por meio do Modernismo que se tem o rompimento com o tradicionalismo literário, nesse momento, autores arriscam-se em novas experiências, se libertando da formalidade e, partindo do cotidiano estabelecem a produção de uma literatura social (NASCIMENTO *et al.*, 2019).

As obras que se desenvolvem sob a base do Modernismo se dividem em duas fases. A primeira, a “**Fase Heroica**” (1922–1930), representa a ruptura com os paradigmas até então estabelecidos, dando início à renovação estética/literária. A segunda, a “**Fase de Consolidação**” (1930–1945), momento de estabilidade dos princípios construídos na primeira fase e desse novo molde de arte brasileira.

Nessa discussão, vale delinear uma melhor contextualização da segunda fase, uma vez que *Capitães da Areia* (1937) integra esse momento do Modernismo. A literatura que se desenvolve, estava vinculada ao turbulento momento da história, tanto pela Ditadura presidida por Getúlio Vargas entre 1937 a 1945 no Brasil, quanto pela Segunda Guerra Mundial (1939–1945), assim como destacam Nascimento *et.al.*, (2019).

Ambas circunstâncias, levam os autores a representarem o efeito desses eventos sobre o homem da época, impulsionado a criação dos romances da chamada Geração de 30. Bosi (1994, p. 384) afirma que as tensões ideológicas criadas pelo Estado Novo e II Guerra permitiram “a introjeção na consciência artística brasileira”, o que gerou frutos.

Dentre as mais diferentes obras e autores da segunda fase do Modernismo, podemos destacar: “*O Quinze*” (1930) de Rachel de Queiroz; “*Menino de Engenho*” (1932) de José Lins do Rego; “*Cacau*” (1933) e “*Capitães da Areia*” (1937) de Jorge Amado; “*Vidas Secas*” (1938) de Graciliano Ramos; “*A Rosa do Povo*” (1943) de Drummond de Andrade.

Desse modo, Bosi (1994, p.386) conclui que “Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza.”

Em seu romance de cunho regionalista — *Capitães da Areia*, Jorge Amado (1937) desenvolve uma literatura engajada com as problemáticas sociais, somando a isto, a temática urbana e a construção da identidade regional do Nordeste. O autor, em seu texto, partindo de um imaginário moderno, constrói um romance da Bahia, em que nele é retratado o modo de vida na cidade de Salvador.

Por efeito de sua subjetividade e da relação realidade/ficção, Jorge Amado (1937) estabelece a elaboração simbólica da cidade. Jorge Amado constrói a paisagem de Salvador levando em consideração os seus mais variados espaços. Ao leitor, essa construção o permite captar a construção do espaço geográfico por meio das representações (da paisagem literária) estabelecida pelo literato.

Nesse sentido, no capítulo a seguir, exploraremos alguns espaços da cidade descritos pelo autor. Dentre eles estão: São Salvador, a Cidade Alta e a Cidade Baixa, os Bairros, Ruas e Ladeiras, e, por fim, Porto, Trapiche e o Mercado.

4 UM OLHAR GEOGRÁFICO DA OBRA “CAPITÃES DA AREIA” DE JORGE AMADO

Este capítulo conduz uma análise do romance urbano, *Capitães da Areia (CA)*, cujo eixo se direciona à realidade espacial extraída da ficção construída pelo escritor - Jorge Amado, que imprime em sua obra, as ruas e os mistérios da Cidade da Bahia de Todos-os-Santos.

4.1 SÃO SALVADOR

Em escala nacional, a cidade de Salvador se apresenta como sendo um dos principais centros urbanos. Sua importância histórica e a prevalência de uma cultura opulente aos olhos dos brasileiros, é resultado da apropriação do seu espaço por diferentes grupos sociais, durante séculos de formação. Sua aglomeração urbana se articulou ao longo tempo, marcando, assim, uma paisagem dotada de mudanças e permanências na sua arquitetura e nos seus respectivos significados.

Em seu livro *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios*, Jorge Amado (1945) refere-se à cidade como sendo a “Mãe das cidades do Brasil”, isto é, colocando em evidência o caráter simbólico e o peso cultural que Salvador representa para toda a nação, uma vez que é dela que se inicia a construção da história do Brasil. Ainda segundo o autor, a cidade se apresenta como sendo:

Ponto de encontro de raças e costumes, rica e famosa nos inícios da nação brasileira, porto aberto aos barcos do mundo, às ideias e aos forasteiros, tais condições propiciaram a mestiçagem e o sincretismo cultural (e religioso), a interpretação de fontes e correntes de pensamento na mistura de sangues – negro, branco, indígena. (AMADO, [1945] 2012, p.38)

É importante destacarmos a dualidade que paira em torno do nome da capital do Estado da Bahia. Se de um lado o nome oficial é São Salvador, institucionalizado desde a sua origem pelo governo de Portugal, do outro, partindo de um viés popular, surge a denominação de Cidade da Bahia. Essa designação parte da sua localização geográfica, pois a extensão da sua baía acaba não só personificando a cidade, como também, passa a ser chamada de “Bahia”. Nessa perspectiva, podemos observar que a denominação popular se sobressai ao

nome oficial, inelutavelmente, criado e adotado pela população que opta por utilizar essa referência. Em relação a essa discussão, Jorge Amado (2012, p.30-31) afirma:

Somos um povo misturado, com sangue índio e muito sangue negro, e o nosso primitivismo ama os nomes pagãos tirados da natureza em torno. Bahia. Em frente à cidade está a baía, belíssima [...] de nada adianta a grave discussão dos senhores acadêmicos. Ela se processa sob a mais absoluta indiferença popular. O povo não deseja saber se a cidade se chama Salvador ou São Salvador. Para o povo é a cidade da Bahia.

Dessa forma, Jorge Amado em seu romance adota essa denominação popular, renunciando, assim, ao nome oficial da cidade. Isso pode ser notado em toda a obra, como podemos observar na passagem: “Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele [João Grande] partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar.” (AMADO, [1937] 2009, p. 28). As experiências e aventuras dos personagens se concretizam na então Cidade da Bahia na qual os Capitães da Areia tanto conhecem.

Uma das cidades mais antigas, a Cidade da Bahia foi fundada no ano de 1549, como forma de proteger o território de possíveis ataques de outras nações, que porventura desejassem conquistar aquele vasto litoral. O Forte de Santo Antônio da Barra teve papel fundamental na dominação do litoral baiano e na consolidação da colônia, ao longo dos anos passou por mudanças, incorporando o primeiro farol da América– o Farol da Barra (Figura 01). Ponto inconfundível da paisagem, atualmente é um espaço público que comporta um grande acervo da história da cidade.

Dessa maneira, Portugal opta por criar um governo único, concebendo a construção de Salvador como sede do governo e primeira capital do Brasil (SANTOS, 2012). Para abrigar o centro da administração portuguesa, foi indispensável a construção do atual Palácio Rio Branco (Figura 02), que passou, ao longo de toda a história, por reconstruções na sua arquitetura. No presente, é um imóvel que marca o cenário do centro histórico de Salvador.



Figura 01. O Farol da Barra.

Fonte: Acervo pessoal (2022)



Figura 02. O palácio Rio Branco.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Seu notório poderio sobreviveu por longos séculos, Salvador tornou-se a aglomeração urbana mais populosa, fixando-se como a principal urbe do Brasil. Sua grandeza e destaque

estavam diretamente ligados ao seu porto, que era o principal do país. De acordo com Andrade e Brandão (2009), o mesmo era o mais movimentado de todo o atlântico sul, tendo como atividades a tríade, açúcar/fumo/escravos. Milton Santos melhor esclarece essa relação, afirmando que:

Sua função portuária adquiria importância à proporção que a cultura de cana se estendia, mas não somente por essa razão. Salvador exportava açúcar, mas, por outro lado, era um porto de entrada de escravos, que se mandavam buscar na África para trabalhar na agricultura. Tal comércio favoreceu uma outra cultura, ao lado da cana-de-açúcar, nas terras vizinhas impróprias aos canaviais: foi a cultura do fumo, que rapidamente se tornou importante, pois o tabaco era a melhor moeda para a compra de escravos nas costas d'África. (SANTOS, [1959] 2012, p.40).

Do século XVI até metade do século XVIII determina o ciclo da cana-de-açúcar, que foi o pilar da economia colonial, constituindo um período de riqueza e crescimento não só para Salvador, mas para todo o Brasil. No entanto, o período de decadência da cidade tem como circunstância o deslocamento do eixo econômico do Nordeste para o sul brasileiro. Essa transição tem como ponto de partida o declínio do açúcar em detrimento do descobrimento de pedras preciosas em Minas Gerais, dando início ao ciclo do ouro no século XVIII, bem como pelo cultivo de café que se desenvolveria em São Paulo no século XIX.

Nessa perspectiva, o estado da Bahia se enfraquece com o início dos novos ciclos econômicos e por uma escolha estratégica, Salvador perde o posto de capital para a cidade do Rio de Janeiro, direcionando, assim, a atenção e as tomadas de decisões para a região Sudeste.

A construção arquitetônica e da identidade da Cidade da Bahia não se restringem à sucessão de fatos ligados somente aos aspectos econômicos, pelo contrário, “elementos de ordem religiosa, política e social também estiveram presentes na dinâmica produção do espaço urbano” (ANDRADE e BRANDÃO, 2009, p.42).

Nessa perspectiva, a sua construção sociocultural está diretamente ligada ao processo de escravização, o que resultou na composição de uma população miscigenada de grande maioria e, expressamente negra. A rica cultura baiana tem suas raízes originadas na África, que hoje se apresenta como sendo a cultura Afro-brasileira. A cidade de Salvador é plural, concentra uma população religiosa, à medida que incorpora diferentes matrizes. Todas essas particularidades acabam por influenciar na construção da cidade e na forma como ela se apresenta na contemporaneidade.

Milton Santos (2012) refere-se à cidade dando destaque não somente ao seu quadro social e cultural, bem como aos seus aspectos físicos, e a define como sendo:

Uma cidade cuja paisagem é rica de constantes, devidos não só à multiplicidade dos estilos e de idade das casas, à variedade das concepções urbanísticas presentes, ao pitoresco de sua população, constituída de gente de todas as cores misturadas nas ruas, mas, também, ao conjunto de sítios que o ocupa: é uma cidade de colinas, uma cidade peninsular, uma cidade de praia, uma cidade que avança para o mar com as palafitas das invasões de Itapagipe, cidade de dois andares, como é frequente dizer-se, pois o centro de divide em uma Cidade Alta e Cidade baixa. (SANTOS, [1959] 2012, p.35)

Salvador é uma cidade que consegue englobar vários espaços, unindo o novo e o velho, em lugares de alto e luxuosos imóveis de construção com ricas igrejas, como espaços marcados por ladeiras que possuem velhos casarões degradados (SANTOS, 2012, p.102).

É uma cidade que conserva as marcas urbanísticas deixadas pelos portugueses, essas características podem ser melhor observadas no Largo do Pelourinho (Figura 03), onde se encontram grandes casarões com suas variedades de cores. Ainda sob a perspectiva colonial, sua essência religiosa também se espelha na paisagem, a multiplicidade de igrejas e monumentos como, a Cruz Caída (Figura 04), se sobressaem e singularizam esse espaço.



Figura 03. Largo do Pelourinho.

Fonte: Acervo pessoal (2022)



Figura 04. Monumento da Cruz Caída.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

A arquitetura colonial e religiosa são marcas registradas da Cidade da Bahia, e é esse conjunto de características que Amado incorpora em sua obra. Em seu trabalho, o autor ilustra o antagonismo presente no espaço urbano a partir das ligações que as crianças abandonadas estabelecem com a cidade.

É na relação obra e realidade que é necessário destacar que a representação literária não incorpora a totalidade do real, a construção da cidade parte da subjetividade apoiada nas emoções do autor. O fato é que, a obra busca construir vínculos entre essas duas concepções, nos permitindo conceber uma análise que englobe a realidade versus a representação romanesca. Barberena (2013, p. 105) reflete sobre a construção de Salvador conforme a perspectiva de Jorge Amado e conclui que:

A cidade, enquanto tema e não apenas cenário literário, nunca surge como ela é, mas sempre por meio de projeções que a transformam em cidades sempre simbólicas, pois as paisagens urbanas se originam do olhar subjetivado e intimista do escritor. Assim sendo, a cidade é símbolo, expressão polissêmica do homem face às circunstâncias que o envolvem.

Para o romancista, a cidade misteriosa, religiosa e negra tem como verdadeiros donos os capitães da Areia, a cidade se apresenta como sendo o espaço de vivência e por consequência, os personagens desfrutam da liberdade que a mesma os proporciona, em que nela tudo acontece. Essa noção de pertencimento pode ser notada ao longo de todo enredo:

Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas. (AMADO, [1937] 2009, p. 28)

Nesse contexto, “A liberdade era o sentimento mais arraigado nos corações dos Capitães da Areia” (AMADO, [1937] 2009, p.75), essa liberdade se estabelece a partir da dependência dos mesmos com a cidade, uma vez que é dela que se consegue os meios de sobrevivência, justamente por isso, que os personagens acabam por dominá-la e conhecê-la por completo. Também é possível observar que a cidade tem seu caráter educativo, de acordo com o trecho:

Muita coisa aprendeu na cidade [Volta Seca]. Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também. Aprendeu que as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte. (AMADO, [1937] 2009, p.238).

É possível ver a tomada de consciência do personagem sobre a hegemonia da classe alta e de como isso influencia na mercantilização do espaço e na propagação da desigualdade socioespacial.

Por sua vez, a cidade se desenha sob o olhar de Jorge Amado (1937) que tem como base a denúncia social. Para ele, a cidade é símbolo de riqueza, mas, ao mesmo tempo é repleta de miséria; é o espaço da liberdade, do mesmo jeito em que segrega e propaga a desigualdade. “Nem tudo é poesia apenas, e o drama explode nas ruas em exames de crianças famintas, na multiplicação dos mendigos, na fome em terra tão rica” (AMADO, [1945] 2012, p. 66).

É possível notar a insatisfação dos personagens, sentimentos que vão além do espaço físico da cidade, que permeiam o espaço vivido a partir de experiências individuais e coletivas. Isto pode ser claramente observado no seguinte trecho:

O que ele [Sem-pernas] queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas (AMADO, [1937] 2009, p. 35-36).

Ainda de acordo, o descontentamento com a cidade parte da exclusão e da vida intensa que essas crianças abandonadas estão submetidas. “Seu coração estava cheio de ódio [Sem-

Pernas]. Confusamente desejava ter uma bomba que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre” (AMADO, [1937] 2009, p.37); “[...] E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida” (AMADO, [1937] 2009, p.44), partindo desses segmentos e dos demais presentes no trabalho, fica perceptível que Jorge Amado consegue demonstrar a divergência entre essas duas realidades, do bom da liberdade e da desventura do abandono.

Nessa direção, a cidade de Salvador nos é apresentada através de toda a obra e pelo rigor com que Jorge Amado representa os espaços e seus respectivos significados. Por meio de sua percepção, podemos apreciar e viver cada um, levando-nos aos espaços que marcam a paisagem, tanto por sua desigualdade quanto por seus encantos.

4.2 CIDADE ALTA E CIDADE BAIXA

Um dos traços marcantes que compõem Salvador é a escolha do seu sítio urbano. Dentre os importantes elementos que incorporam a paisagem, a escarpa de falha é um componente que interfere diretamente na estruturação e no funcionamento da cidade, visto que a divide em duas (Figura 05). Segundo Andrade e Brandão (2009, p.129) a Cidade da Bahia “foi construída na parte superior de uma escarpa de falha - *Horst* - cuja altitude varia entre 60 e 80 metros, estando na depressão do falhamento - *gráben* - o porto, o comércio e a baía”.

Milton Santos (2012, p.111) descreve os dois fatores que caracterizam o centro de Salvador:

Ela é sobretudo marcada pelo sítio que ocupa: uma Cidade baixa, sobre a planície estreita, quase toda inteiramente construída pelo homem durante os quatro séculos da evolução urbana; uma Cidade Alta, assentada sobre colinas e vales; e, separando esses dois elementos, a escarpa de falha.

Na construção do romance, a topografia acidentada é peça-chave para a história. O transitar entre as duas cidades Alta e Baixa encadeia as narrativas e a construção dos significados atribuídos por Jorge Amado às duas cidades (partindo de uma visão dicotômica), além do modo como os personagens se comportam em cada ambiente.



Figura 05. Duas Cidades. No alto, encontram-se os edifícios que compõem a Cidade Alta.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

A Cidade Alta apresenta diferentes funções, indo além da residencial, se encontram em seu centro as funções administrativas, religiosas e o comércio varejista. A função administrativa é atribuída no processo de formação da cidade, e ainda mantém grande relevância, permitindo a concentração de: serviços estaduais e municipais, empregos públicos, dentre outros (SANTOS, 2012). Já a função religiosa tem seu caráter modelador, que resulta na soma de importantes igrejas construídas no século XVIII, integrando a paisagem de uma cidade que ainda conserva sua essência religiosa (SANTOS, 2012).

Sua função residencial concentra em seus bairros uma população majoritariamente rica, todavia, é importante destacarmos o antagonismo existente. Um exemplo explícito é o bairro do Pelourinho, que hoje concentra uma população pobre, mas que durante o século XVIII e XIX abrigavam famílias ricas e nobres (SANTOS, 2012). Mudanças como essa, são resultados do próprio desenvolvimento histórico-social da cidade. Já seu comércio varejista se divide em dois setores, o de luxo e o de pobre. De acordo com Milton Santos (2012, p.82-83) “o comércio varejista de luxo encontra-se principalmente nas ruas Chile, Misericórdia, avenida Carlos Gomes, avenida Sete de Setembro e uma da avenida Joana Angélica. Enquanto o comércio varejista pobre é feito, essencialmente, na rua Dr. J. J. Seabra (Baixa dos sapateiros).”

A Cidade Alta é fortemente explorada, é a partir da relação com esse espaço, que os meninos de rua conseguem pôr em prática seus planos, já que concentra uma população mais abastada. É nela, que os personagens da obra usam das mais diferentes artimanhas para conseguir diariamente fugir da fome e do abandono. “Levavam uma vida nem sempre tão fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola” (AMADO, [1937] 2009, p.44).

No que tange a Cidade Baixa, sua função portuária é a principal atividade, partindo dela desenvolvem-se os demais - bancos e o comércio grossista. Autores como Milton Santos (2012) e Jorge Amado (2012) expõem a notoriedade do porto para com o surgimento e desenvolvimento urbano da cidade. Suas principais atividades se interpõem entre a exportação de produtos regionais e a importação de produtos alimentares, manufaturados e de subsistência (SANTOS, 2012). Em relação ao comércio dessa área, o mesmo se resume aos “bancos, atividades bancárias, casas de comércio em grosso; em suma, o comércio de papéis” (SANTOS, [1959] 2012, p. 81). Ainda de acordo com a organização da Cidade Baixa (Figura 06), Jorge Amado afirma,

Entre o mar e o morro, a Cidade Baixa é do grande comércio. As casas exportadoras, os representantes de firmas de outros estados e do estrangeiro, os bancos, as sociedades anônimas, a Associação Comercial, o instituto do cacau (AMADO, [1945] 2012, p.28).



Figura 06. Vista da Cidade Baixa.

Fonte: Acervo Pessoal (2022)

A ambientação da Cidade Baixa gira em torno das suas funções comerciais, é o lugar que comporta o cais, os saveiros, as docas, bares, feiras, assim como o Trapiche, que é “casa” dos Capitães da Areia. Incontestavelmente, um espaço habitado por grupos de trabalhadores pobres que compõe as “sociedades anônimas”, assim denominadas pelo autor. “Pedro Bala olhou mais uma vez os homens que nas docas carregavam fardos para o navio holandês. Nas largas costas negras e mestiças brilhavam gotas de suor. Os pescoços musculosos iam curvados sob os fardos” (AMADO, [1937], 2009, p.86).

Alfredo Bosi (1994) descreve Jorge Amado como sendo um romancista que se volta para a realidade dos marginais, pescadores e marinheiros de sua terra, e afirma que eles “lhe interessam enquanto exemplos de atitude “vitais”: romancistas e sensuais.” (BOSI, 1994, p. 406). São esses atributos que caracterizam a sociedade que na Cidade Baixa coabitam.

Assim como se apresenta no romance, Jorge Amado adota uma divisão não apenas destacando os dois desníveis da cidade, indo além, é possível notar a convergência de espaços que se contrapõem, seja economicamente, socialmente ou culturalmente. Diante disso, cria-se

a ideia da existência de uma cidade dos ricos e a dos pobres. As nomenclaturas utilizam por Jorge Amado em certo momento deixam de ser Cidade Alta e Cidade Baixa e passam a ser, respectivamente, Cidade rica e Cidade pobre, o que deixa mais nítida a segregação socioespacial (que o autor, propositalmente, busca retratar). Os trechos a seguir exemplificam essa relação:

E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação [...] o ódio que sentia contra a **cidade rica** que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida (AMADO, [1937] 2009, p.92).

[...]

A **cidade pobre** estava assolada de bexiga. Os médicos diziam que a epidemia já estava declinando, mas ainda assim eram muitos os casos, todos os dias ia gente para o lazareto” (AMADO, [1937], 2009, p.154)

Além da construção dessas duas cidades, existe uma divergência daqueles que habitam cada espaço. “Lá em cima, na Cidade Alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões. Lá embaixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escola aos meninos” (AMADO, [1937] 2009, p.108).

No capítulo “Alastrim”, a partir da chegada da bexiga negra na Cidade da Bahia é que podemos constatar essas informações. “Omolu espalhou a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos” (AMADO, [1937] 2009, p.156). Fundamentando-se na umbanda, religião de matriz africana, Amado (1937) retrata a crença de uma população negra e pobre que acreditava que a doença era algo muito maior, ela teria sido enviada pelo rei e dono da terra (Omolu) para punir aqueles que constituíssem a “cidade dos ricos”, pois são vistos com os responsáveis pela propagação da extrema miséria. “Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um deus das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. (AMADO, [1937] 2009, p.139). O autor utiliza da cultura e crença popular para retratar a disparidade socioeconômica e na reprodução de uma sociedade marginalizada.

Ademais, é importante destacarmos que o descolamento entre essas duas superfícies, tanto na ficção quanto na realidade, é realizado por ladeiras e ascensores (que fazem parte do sistema de transporte da cidade). Em seu interior, o acesso viário é realizado, principalmente, pela Ladeira da Montanha. Já pelos elevadores, o Lacerda (Figura 07) é de maior

popularidade, possuindo um aprimorado sistema técnico, tornando-se, hoje, símbolo da cidade.



Figura 07. Foto do alto da escarpa de falha, com vista ao Elevador Lacerda.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

É recorrente no espaço romanescos a utilização das ladeiras, já que elas possibilitam o acesso gratuito entre as duas cidades. As crianças por não possuírem acesso aos meios mais sofisticados, restringindo-se a caminhar pelas ladeiras íngremes da cidade.

4.3 OS BAIRROS, AS RUAS E LADEIRAS

Nos direcionando a outra escala de análise, exploraremos os espaços factuais e os seus devidos usos na trama. É nesse momento que analisaremos a geografia dos bairros, ruas e ladeiras do espaço urbano.

4.3.1 Bairros da Graça e Vitória

No decorrer da estruturação do romance, os Bairros da Graça e da Vitória ganham ênfase. Estes, localizados na Cidade Alta, constituem uma área essencialmente rica. Durante todas as vezes que são mencionados, o autor deixa em evidência o quão esses espaços atraem e são de bastante interesse dos personagens. A representação de Jorge Amado busca delinear a realidade e os significados de ambos, favorecendo na construção da imagem da Cidade da Bahia, bem como trazer à tona a divergência socioeconômica existente.

É somente no capítulo “Família” que o Bairro da Graça, mesmo que diminutamente, ganha visibilidade. Por ser uma área que compõem a cidade dos ricos, o grupo de meninos veem como um espaço para cometer seus crimes. Podemos observar isto no seguinte trecho: “Foi o Boa-vida que contou a Pedro Bala que naquela casa da Graça tinha coisa de ouro de fazer medo. O dono da casa, pelo jeito, parecia colecionador [...] na casa havia uma sala entupida de objetos de ouro e prata que no prego haviam de dar uma fortuna” (AMADO, [1937] 2012, p.114).

Partindo dessa circunstância, a trama que se constrói ao longo do capítulo desencadeia a identidade elaborada e atribuída ao bairro como sendo um lugar de morada de famílias ricas, com residências de alto custo, construídas sob parâmetros que destoam por completo do lugar de vivência dos personagens.

Além do bairro da Graça, ao sul da Cidade da Bahia, eleva-se o bairro da Vitória (Figura 08 e Figura 09), aristocrático, o mesmo acomoda uma classe média enriquecida pela apropriação da terra (SANTOS, 2012). Como em qualquer desenvolvimento de um quadro urbano, a segregação residencial e o caráter que se é atribuído aos mais diferentes bairros de uma cidade, está ligada, sobretudo, ao fator econômico, o que condiciona as dinâmicas de apropriação dessas áreas pela sociedade urbana.



Figura 08. Bairro da Vitória. Sob o bairro da vitória surgem prédios modernos e atraentes.

Fonte: Acervo pessoal (2022)



Figura 09. Praça do Largo da Vitória.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

De acordo com Andrade e Brandão (2009) a estruturação do bairro da Vitória se desenvolve no Século XIX, por uma elite estrangeira, que buscava se distanciar da arquitetura

edificada pela Colônia no Pelourinho, bem como da sordidez que emerge na região. Esse ponto é discutido por Amado (2012, p.75), quando o autor se refere ao surgimento do corredor da Vitória como sendo parte dos anseios da monarquia em construir um espaço que representasse o suprassumo do grã-finismo.

O Bairro da Vitória é apresentado logo no início da narrativa. No capítulo “Cartas à Redação”, uma manchete de jornal intitulada “Crianças Ladronas”, descreve não apenas o delito cometidos pelo bando de meninos à residência do comendador José Ferreira, assim como, o bairro em questão:

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos Capitães da Areia. (AMADO, [1937] 2009, p.10).

Partindo dessa descrição, fica explícito o prestígio que dado espaço possui na construção da história, ao longo da mesma. O bairro da Vitória é citado algumas outras vezes, em que o autor sempre busca enfatizar a percepção de: riqueza, poder, lugar habitado pela burguesia, assim como pode ser observado no seguinte trecho: “Bom é na Vitória [...] é só entrar nos corredores e aquilo é chapéu garantido... Tudo gente de nota.” (AMADO, [1937] 2009, p.33).

A construção histórica dos dois bairros se cruza com a representação romanesca do espaço da obra, Jorge Amado concentra-se em simboliza-los, destacando e conservando as características reais e marcantes dessas áreas, que se consolidam como espaços mais aprazíveis da cidade.

4.3.2 Ruas: Baixa dos Sapateiros e Rua Chile

Os significados que permeiam as ruas se revelam na aventura da liberdade. O caminhar pelas ruas misteriosas e belas da cidade permite identificar e vivenciar os seus diferentes espaços. A rua como espaço público, composta por calçadas, praças, jardins, estimula a convivência coletiva, refletindo no lugar da diversidade e do encontro.

Nos labirintos da Cidade da Bahia, os personagens não apenas conhecem as ruas como estabelecem um sentimento de propriedade. Como citado anteriormente, o autor intitula o grupo como os donos da cidade, pois existe uma estrita relação de troca. “Gostava de andar ao léu nas ruas da cidade [Boa-Vida], entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras.” (AMADO, [1937] 2009, p.70); “[...] Andava com eles pelas ruas [Dora e Zé Fuinha], igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, nas ladeiras.” (AMADO, [1937] 2009, p.184).

Além da liberdade, as ruas também se traduzem como o espaço da repressão policial. No capítulo “Como um trapezista de circo” o personagem Sem-Pernas em um momento de perseguição com a polícia, decide por tirar a própria vida. Sua sentença de morte parte de outras experiências de tortura já vivenciadas pelo personagem, no qual escolhe não passar por elas novamente. Nas linhas a seguir, é possível analisar essa situação:

Sem-Pernas corria de um lado para o outro da rua, os guardas avançavam. Ele fez que ia escapar por outro lado, driblou um dos guardas, saiu pela ladeira. Mas em vez de descer e tomar pela Baixa dos Sapateiros, se dirigiu para a praça do Palácio. Porque Sem-Pernas sabia que se corresse na rua o pegariam com certeza [...] pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, estendendo os braços, se atira de costas no espaço (AMADO, [1937] 2009, p.242-243).

Nessa perspectiva, podemos destacar que as ruas que ganham maior notoriedade durante a obra são: Baixa dos Sapateiros e a Rua Chile. Ambas localizadas no centro da Cidade Alta, espaço que se diferencia dos demais, pois marca uma área pobre.

A Baixa dos Sapateiros é a denominação popular para a rua José Joaquim Seabra. Essa identificação, inicialmente, se dirigia apenas ao pequeno trecho da baixinha (Figura 10), todavia, com o alargamento do comércio e seu avanço para a rua Dr. Seabra. Essa área passa a receber o mesmo título, conforme analisa Santos (2012). Com isso, destacamos que essa rua

tem como principal atividade o comércio, especificamente pobre e barato (SANTOS, 2012), (Figura 11). Assim como é definido por Amado (2012, p. 83), a Baixa dos Sapateiros consiste na interseção existente entre o proletariado e a grande burguesia, consequentemente, um espaço habitado pela classe média. No mais, o autor ainda entende que “a baixa dos Sapateiros não nasceu para granfa. É a rua popular por excelência, talvez a mais baiana das nossas ruas, não tanto pela arquitetura que aqui nada apresenta de notável, mas pela população que por ela transita.” (AMADO, [1945] 2012, p.84).



Figura 10. A Baixa dos Sapateiros.

Fonte: Acervo pessoal (2022)



Figura 11. Avenida José Joaquim Seabra, popularmente conhecida como Baixa dos Sapateiros.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

A ambientação da Baixa dos Sapateiros traduz um espaço de constante movimento, que o caracteriza na realidade (Figura 12). Jorge Amado (2012, p.82) a narra como sendo “Eternamente cheia de gente que salta dos ônibus ou que os espera, de povo que sobe pelo Tabuão, no velho elevador ou a pé, de pessoas que descem as inúmeras ladeiras que ali desembocam”. No trecho a seguir, observamos que a rua em foco, é nas entrelinhas, retratada pela sua dinâmica do ir e vir de pessoas:

Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo:

— Ví um anelão, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom pro meu dedo. Batuta mesmo. Tu vai ver quando eu trazer...

— Em que vitrine?

— No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa dos Sapateiros. (AMADO, [1937] 2009, p.31).



Figura 12. Avenida Dr. Seabra.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

No que diz respeito a Rua Chile, seu perfil girava em torno das suas atividades comerciais, nela, se organizava um espaço de compras e lazer direcionado a um público mais abastado (ANDRADE e BRANDÃO, 2009). Em relação às suas demais características, Jorge Amado (2012, p. 77) a descreve como sendo:

A rua Chile é pequena. Vai da praça municipal ao largo do Teatro, enladeirada. No entanto é o coração da cidade, nela se exhibe toda gente. São ruas do fútingue, da conversa, de negócios também, de namoros, de brilho, de exibição.

A Rua Chile é conhecida por ser a primeira rua do Brasil (Figura 13), é um espaço de grande notoriedade, porém, atualmente, é marcada por casarões e prédios abandonados.

Na trama, os Capitães da Areia estabelecem o convívio com a rua, é um espaço citado algumas vezes, e nelas, percebemos que o transitar do grupo é corriqueiro e marca o caráter central que a mesma possui. “Professor e Pedro Bala continuaram a subir a ladeira. Do largo do Teatro subiram para a rua Chile” (AMADO, [1937] 2009, p.134); “Uma tarde Pedro Bala vai pela rua Chile, o boné desabado sobre os olhos, assoviando, enquanto arrasta os pés no chão” (AMADO, [1937] 2009, p.257).



Figura 13. A Rua Chile.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Isto posto, podemos atentar às escolhas opostas do autor, uma vez que ao representar a realidade espacial dos bairros, o mesmo traz uma vivência pautada no melhor da paisagem urbana. Em contrapartida, se opondo a esta realidade, as ruas referenciadas são simples e pobres. Logo, com suas funções sociais diferentes e nítidas divergências, esses espaços transitados põem à luz as marcas da segregação socioespacial.

4.3.3 Ladeira da Montanha

As ladeiras baianas nascem da falha geológica em que a cidade é estruturada, o que as tornam elementos únicos na paisagem de Salvador. Dentre as ladeiras representadas por Jorge Amado, estão: ladeira de São Bento, ladeira do Taboão e a ladeira da Montanha – esta última, de maior visibilidade. Através delas, é que se estabelece os fluxos entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta.

Com isso, a Ladeira da Montanha se desenha próxima ao elevador Lacerda, tendo seu início marcado pela intercepção das ruas Corpo Santos e Pinto Martins na Cidade Baixa, com fim na praça Castro Alves, que dá início a Rua Chile. Ao longo da história, torna-se um elemento chave, como é possível observar no trecho a seguir:

Pedro Bala, enquanto subia a ladeira da Montanha, revia mentalmente seu plano [...] Chegou ao largo do Teatro. A chuva caía e os guardas se abrigavam sob as capas. Começou a subir a ladeira de São Bento vagarosamente. Tomou por São Pedro, atravessou o largo da Piedade, subiu o Rosário, agora estava nas Mercês. (AMADO, [1937] 2009, p.99)

Dessa maneira, as ladeiras representam o acesso primordial do grupo de crianças, elas determinam a entrada e a saída das duas cidades, permitindo apresentar ao leitor os mais diferentes cenários. “Pedro Bala, enquanto sobe a ladeira da montanha, vai pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao azar, nas ruas da Bahia” (AMADO, [1937] 2009, p.131); “No pé da ladeira da Montanha (Figura 14) se dividem em três grupos. João Grande chefia um, Barandão vai com outro, o maior vai com Pedro Bala” (AMADO, [1937] 2009, p.255).



Figura 14. À esquerda da foto se encontra a Ladeira da Montanha, e à direita está a Cidade Baixa.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

4.4 DEMAIS ESPAÇOS PRODUZIDOS

Destacamos outros elementos presentes na história que compõem a paisagem da cidade baiana. Dentre esses espaços, estão: O porto; O Trapiche; O Mercado Modelo.

4.4.1 O Porto

A função portuária, assim como já mencionada, figura-se na Cidade Baixa e é umas das funções primordiais para a estruturação da cidade de Salvador. De início, é nos apresentado o espaço do cais do porto, que comporta os armazéns, Trapiches e as feiras. A extensão do cais é formada por saveiros e barcos (Figura 15), cuja realidade se pauta na atividade econômica do intenso comércio da exportação de produtos.

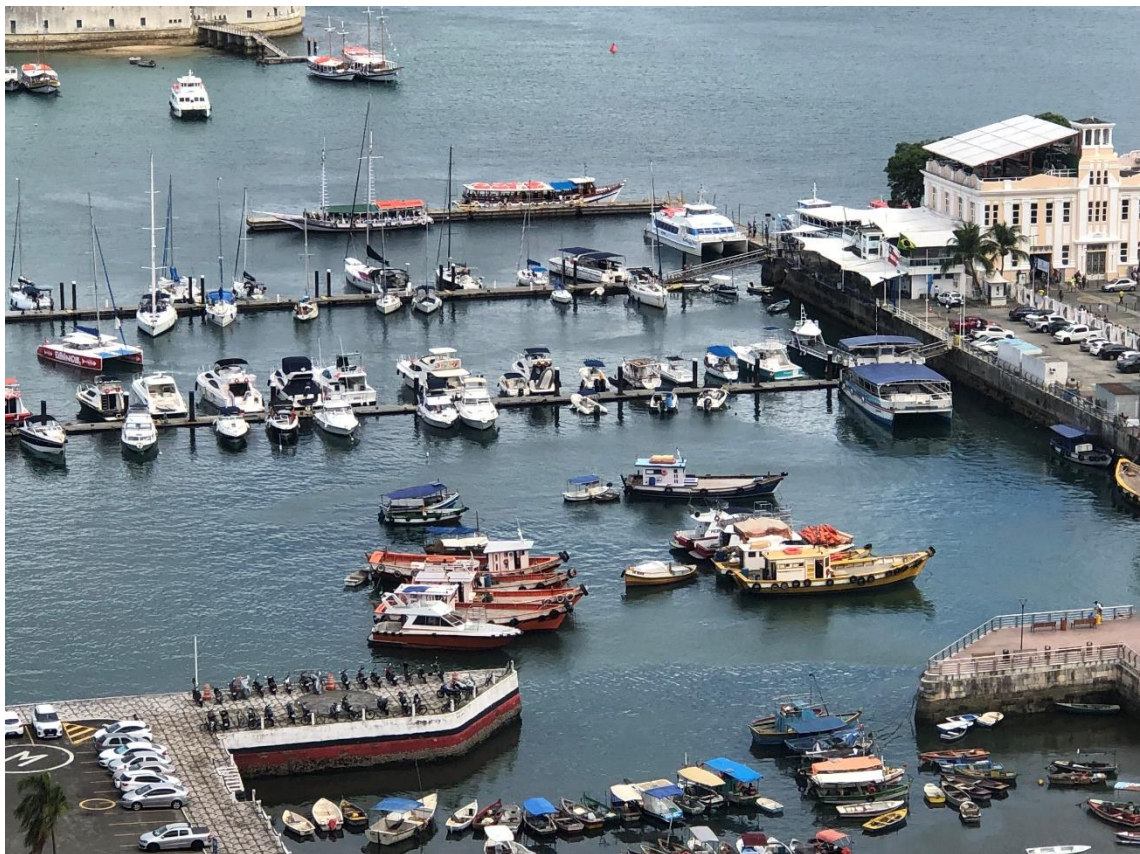


Figura 15. Cais do Porto de Salvador. Local que se encontram as embarcações menores.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

O cais é o espaço de convivência e extrema intimidade dos personagens, uma vez que estabelecem um convívio com aqueles que trabalham na área, como por exemplo, João de Adão e o Querido-de-Deus. “São chamados de Capitães da Areia porque o cais é o seu quartel-general” (AMADO, [1937] 2009, p.9). Na obra, é um espaço que possui uma árdua realidade, repleto da extrema miséria. Em um diálogo entre Pedro Bala e o Professor, é possível constatar essa realidade:

De onde estão podem ver o Mercado e o cais dos saveiros e mesmo o velho trapiche onde dormem. Pedro Bala se recosta no muro da ladeira e diz a Professor:

— Tu devia fazer uma pintura disto... é porreta.

A fisionomia do Professor se fecha:

— Eu sei que nunca há de ser...

— Quê? — Tem vez que me topo pensando...

— E Professor mira o cais lá embaixo, os saveiros parecendo brinquedos, os homens miúdos carregando sacos nas costas. Continua com a voz áspera como se alguém o tivesse batido:

— Eu penso fazer um dia um bocado de pintura daqui...

— ...mas nunca pode ser um troço alegre, não...

— Por quê? — Pedro Bala está espantado.

— Espia os homem, tá tudo triste. Não tou falando dos rico. Tu sabes. Falo dos outros, dos das docas, do mercado. Tu sabe... Tudo com cara de fo me, eu nem sei dizer. É um troço que sinto... (AMADO, [1937] 2009, p.132)

No capítulo “Docas”, através desse cenário, o autor intensifica o tema luta de classes, ao narrar a história do pai de Pedro Bala - o Loiro, que foi morto por policiais ao chefiar uma greve de trabalhadores. Poeticamente, Jorge Amado (1937) constrói um enredo pautado na tomada de consciência do chefe do grupo, que decide por seguir os passos do pai, em lutar por uma sociedade inclusiva.

Na parte final da obra “Canção da Bahia, canção da liberdade”, em seu último capítulo “Os atabaques ressoam como clarins de guerra”, Jorge Amado invoca a voz da revolução: “Uma voz que atravessa a cidade [...] uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres [...] voz que traz o bem maior do mundo: a liberdade [...] uma voz de mulher canta a canção da Bahia. Canção da beleza da Bahia. Cidade negra e velha. Voz poderosa que o chama. A revolução chama Pedro Bala.” (AMADO, [1937], 2009, p. 258-259). A voz que ecoa sobre todos os cantos da cidade é a voz da revolução, é a luta dos mais pobres, dos invisíveis, que reivindicam os seus direitos.

Jorge Amado exhibe os espaços do Porto (Cais e Docas) através da força e luta dos trabalhadores marítimos. É um espaço representado pelo desencanto e que, assim como os demais, projeta as problemáticas enfrentadas pelos desvalidos, na então Cidade da Bahia.

4.4.2 O Trapiche

Dentre os espaços de destaque, o Trapiche é claramente um dos mais relevantes. Apesar da sua má estrutura, o grupo o tem como um estratégico lugar para se abrigar. Nele, se estabelece não só a vivência com o espaço, como as relações de amizade e afeto entre os meninos.

No capítulo “O Trapiche”, o autor exhibe a sua realidade: “Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.” (AMADO, [1937] 2009, p.25); “Grande parte do teto já ruíra e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas” (AMADO, [1937] 2009, p.26). No decorrer da obra, o espaço ganha maior significado, em uma dada circunstância, o personagem Professor decide se mudar e mesmo que, em uma realidade tão difícil, há o sentimento de perecimento com o lugar – Trapiche - e a dificuldade do desprendimento. “Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como a moldura de inúmeros quadros. Como quadros de uma fita de cinema. Vidas de luta e de coragem. De miséria também. Uma vontade de ficar” (AMADO, [1937] 2009, p.223).

Dessa forma, sabemos que estruturas como essas possuem outras finalidades. De acordo com Santos (2012, p. 159) os Trapiches do Porto “são construções especializadas, levantadas para servir à estocagem da grande massa de mercadorias manipulada por um porto cuja capacidade de carga e descarga é sabidamente pequena”. Partindo do trecho a seguir, é possível notar a mudança de função do espaço do Trapiche.

Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.” (AMADO, [1937] 2009, p.25)

O recuo do mar e o alargamento da faixa de areia tornam a função inicial do Trapiche (Figura 16) inativa, com isso, ganhando uma nova função, sentido e utilidade – agora residencial, o que garante aos meninos de rua uma nova casa.



Figura 16. O Trapiche

Fonte: Filme “Capitães da Areia” (2011)

Embora poucos tenham resistido ao tempo, suas estruturas marcaram no decorrer da história a paisagem da Cidade Baixa. Com a construção do novo porto (o que na narrativa, possibilita que os meninos tenham a sua posse), os Trapiches deixam de ser os pontos de apoio das atividades comerciais marítimas da cidade, que os levam (na realidade), a serem excluídos dando lugar às propriedades privadas e a expansão dos arranha-céus na planície estreita.

4.4.3 O Mercado Modelo

Sob a influência do grande porto, além do grande comércio instalado na Cidade Baixa, houve o surgimento das feiras (SANTOS, 2012). Dentro do centro comercial, Jorge Amado busca incluir o Mercado (atualmente conhecido como Mercado Modelo), um local de extrema beleza e que traz consigo as marcas da cultura popular baiana.

O Mercado Modelo foi inaugurado no ano de 1912. O abastecimento da cidade era a sua principal função, nele havia a comercialização de peixes, frutas, farinhas, dentre outros produtos que eram transportados pelos saveiros. No entanto, após seguidos incêndios, em 1971, o mercado foi transferido para um edifício da antiga Alfândega da cidade (Figura 17) e com a substituição, houve também mudanças na sua função comercial. A partir da sua nova instalação, a marinha proíbe a atuação dos saveiros e a comercialização dos peixes, transformando o Mercado Modelo em um grande centro de artesanato (Figura 18).



Figura 17. O Mercado Modelo.

Fonte: Acervo pessoal (2022)



Figura 18. Interior do Mercado Modelo.

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Quanto a essas mudanças, Jorge Amado (2012, p. 347) destaca que:

O novo Mercado, apesar de instalado em imóvel tão bonito, nada tem que recordar o antigo. Muito diferente, é uma imensa feira de artesanato, onde se encontra de tudo, desde belas esculturas do Louco até o lixo de todos os comércios desse tipo – o puro se mistura com o falso, o belo com o horrível.

Na história, o Mercado Modelo é o espaço do encontro, da conversa e do passatempo. “Não havia ninguém no trapiche. Deviam estar todos espalhados pelas ruas da cidade, cavando o jantar. Os três [Gato, Pedro Bala, João Grande] saíram novamente e foram comer num restaurante barato que havia no mercado” (AMADO, [1937] 2009, p.53); “Ninguém tem uma vida igual à dos malandros. Passa [Boa-Vida] o dia conversando nas docas, no mercado, vai às festas dos morros e da Cidade de Palha à noite, ou às macumbas” (AMADO, [1937] 2009, p.226).

As características, que no passado, eram voltadas para aqueles que lá viviam, hoje, não mais é um espaço destinado ao público baiano. No período em que a obra foi criada, o Mercado ainda estava ligado à sua antiga função, cujo cotidiano não se resumia ao convívio de turistas. Portanto, o Mercado Modelo é um espaço destinado aos visitantes, em que os baianos que lá se encontram, majoritariamente, o têm como ambiente de trabalho.

Levando em consideração a contemplação dos espaços apresentados ao longo da pesquisa e o contexto revelado pela obra, no capítulo a seguir, apresentaremos o resultado das reflexões em torno da obra aplicada ao ensino de Geografia.

5 ENSINO DE GEOGRAFIA E LITERATURA: PROPOSTAS DIDÁTICAS

Com base na análise do capítulo anterior, traremos nesse momento, algumas sugestões didáticas que possibilitam a utilização de *Capitães da Areia* no ensino de Geografia. Nessa perspectiva, o capítulo visa orientar e estimular o professor da disciplina, apontando conteúdos que podem ser abordados mediante a leitura do livro e, com isso, incentivar a participação e o contato do aluno com os elementos geográficos indicados na obra literária.

Compete ao professor planejar e criar condições e estratégias que permitam a potencialização do processo de ensino e aprendizagem, que sejam capazes de projetar a realidade do aluno em compasso com a sua capacitação para o pensamento crítico reflexivo.

Portanto, as propostas didáticas foram planejadas para a última etapa da Educação Básica, o Ensino Médio (1º ao 3º ano), sendo elas: I- Realidade espacial da cidade de Salvador; II- A desigualdade social e a Segregação socioespacial.

5.1 ELABORAÇÃO DAS PROPOSTAS DIDÁTICAS

ORIENTAÇÕES GERAIS

- Dentre as exigências, o planejamento do professor é um estágio primordial. Para a realização das propostas, é recomendado que o mesmo amplie suas análises da obra, produzindo o fichamento das ideias principais garantindo, desse modo, um domínio maior dos conteúdos geográficos, os quais são o foco. Da mesma maneira, faz-se necessário a pesquisa bibliográfica, buscando materiais relacionados ao livro *Capitães da Areia*, bem como aos estudos direcionados à cidade de Salvador. No mais, é preciso obter imagens dos espaços que serão analisados, para auxiliar o professor na elaboração do material referente ao primeiro momento da proposta I.
- É importante ressaltar que a indicação da proposta requer do professor a sensibilidade para desenvolver estratégias de leitura que viabilizem a sua melhor funcionalidade. Juntamente com os alunos, o professor deve refletir sobre as possíveis limitações, tais como, o acesso ao material, o tempo estabelecido e o envolvimento referente de ambas as partes. Durante o processo é necessário que o professor incentive a participação do discente, garantido o andamento da leitura.

PRÉ-REQUISITOS PARA AS PROPOSTAS

- Primordialmente, o professor deve realizar a análise e sistematização do livro, destacando os elementos que ajudem os alunos na compreensão do mesmo. É recomendado que essa análise aborde suas características gerais, tais como:
 - O seu contexto histórico e literário, e como esses fatores influenciaram na estruturação da obra;
 - Romance clássico, de cunho social, que aborda problemáticas a partir da realidade de crianças de rua – os Capitães da Areia (baseado em histórias de vidas reais);
 - Urbano, pois se consagra na cidade de Salvador, capital da Bahia. Cenário que marca as construções literárias de Jorge Amado;
 - Regionalista, por apresentar particularidades referentes a região Nordeste.

- Para direcionar os alunos a uma leitura consciente dos objetivos desejados, o professor poderá auxiliar a turma a partir de questionamentos a respeito do que deve ser assimilado durante a leitura. Deverão ser destacados as seguintes questões:
 - Quais os problemas que os personagens enfrentam diariamente?
 - As crianças de rua estabelecem uma boa relação com a cidade?
 - Os Capitães da Areia transitam por toda a cidade, estabelecendo relações com diferentes espaços. Nesse sentido, é possível notar mudanças de comportamento de acordo com o ambiente no qual eles se encontram?

- É necessário que o professor destaque seus objetivos, direcionando o aluno a compreender os elementos que serão abordados posteriormente. Para a primeira proposta, deve ser apresentado aos alunos um quadro, contendo as escalas de análise da cidade de Salvador, as quais deverão nortear as suas leituras, conforme o modelo (quadro 01). Para isso, a turma deve ser orientada a sistematizar as informações, características de cada espaço, na medida em que a leitura realizada. Essa sistematização pode ser estruturada da forma que desejarem, seja por tópicos ou por citações do livro. O importante é a percepção deles sobre a paisagem e a sua inserção no espaço.

Quadro 01 - Modelo de quadro para orientar a leitura do aluno

Salvador	Cidade Alta e Cidade Baixa	Bairros	Ruas	Ladeiras	Demais Espaços Construídos		
					O Porto	Trapiche	Mercado

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

PROPOSTA DIDÁTICA I

TEMA: Realidade espacial da cidade de Salvador

OBJETIVOS:

Geral: Construir conhecimentos sobre a cidade a partir da ligação entre a obra *Capitães da Areia* e a cidade do aluno.

Específicos: Desvendar o espaço urbano da obra *Capitães da Areia*; estudar as categorias de análise da geografia a partir dos espaços caracterizados; explorar a relação do aluno com os espaços de convívio.

PRIMEIRO MOMENTO: Desvendar a paisagem urbana da obra *Capitães da Areia*.

No primeiro momento, levando em consideração o cumprimento dos pré-requisitos apresentados, o tema será introduzido mediante a perspectiva de debate. O professor deverá questionar os alunos quanto ao tipo de leitura, informações de destaque que chamaram a sua atenção. Um momento que os permitam expressar suas considerações gerais a respeito da obra. Partindo desses pontos, é possível avaliar se os estímulos reforçados na pré-leitura conseguiram conduzi-los a uma leitura crítica.

Ainda nesse momento, o professor deve direcionar a conversa às escalas de análises da cidade, apresentadas por meio do quadro 01. Os alunos deverão ser orientados a expor suas

impressões acerca de cada espaço, apresentando as informações, características ou trechos fichados da obra. Durante esse processo, poderão ser reveladas as semelhanças ou diferenças entre as percepções dos alunos.

Após o debate introdutório, o professor deve expor aos alunos esses três aspectos da análise:

- Destacar que a proposta visa trabalhar a cidade de Salvador sob duas óticas: realidade x ficção;
- Frisar que a cidade de Salvador - ilustrada na obra - é fruto da subjetividade do autor (Jorge Amado), que partindo das suas experiências com esse espaço, a utiliza como cenário em suas histórias. Logo, a simbolizando e não a “projetando” por completo;
- Reforçar que as análises que virão são construídas levando em consideração as representações do autor somadas às características reais dos espaços. Permitindo produzir comparações e assimilações.

O professor irá sistematizar uma análise minuciosa da cidade de Salvador, que deverá ser apresentada mediante a projeção de slides. Para auxiliar na compreensão dos alunos, imagens dos espaços representados deverão ser utilizadas a fim de somar as discussões e explicações. Torna-se importante também construir seus significados em conjunto com os alunos.

É preciso levar em consideração tais aspectos no momento da investigação:

Quadro 02. Tópicos das respectivas investigações

REALIDADE	REPRESENTAÇÃO
SÃO SALVADOR	
<ul style="list-style-type: none"> • Importância histórica; • Traçar comparativos quanto a sua evolução; • Quadro cultural; • Quadro social. 	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço da liberdade; • Espaço educativo; • Espaço da contradição (que acolhe e exclui).
CIDADE ALTA E CIDADE BAIXA	
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro físico (sítio urbano e frisar a escarpa de falha); • Funções urbanas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cidade Alta como espaço dos ricos; • Cidade Baixa como espaço dos pobres.
OS BAIRROS, AS RUAS E LADEIRAS	
<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar os bairros: Graça e Vitória; 	<ul style="list-style-type: none"> • Realidade espacial dos bairros; • Realidade espacial das ruas;

<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar as ruas: Chile e Baixa dos Sapateiros; • Caracterizar a ladeira da Montanha. 	<ul style="list-style-type: none"> • As ladeiras como vias de locomoção.
DEMAIS ESPAÇOS PRODUZIDOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Descrever e revelar as funções de um trapiche; • A importância do Porto de Salvador; • Analisar as transformações no Mercado Modelo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trapiche como espaço habitado. • O porto e o Mercado como espaços de convívio.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

SEGUNDO MOMENTO: Correlacionar as categorias de análise da Geografia aos espaços caracterizados.

Para que a construção do espaço geográfico da cidade representada seja melhor compreendida, é necessário que o professor, em um segundo momento, trabalhe os conceitos das categorias de análise da geografia: Espaço, Lugar, Paisagem, Território e Região. As categorias permitirão que o aluno tenha um melhor esclarecimento da produção do espaço geográfico, otimizando a sua aprendizagem quanto a organização da cidade.

Quanto à forma de trabalhá-las, é recomendado a utilização de projeção de slides. No processo de conceituação das categorias, recomendamos que o professor as relacione com os espaços desvendados na obra (juntamente com imagens). Essa associação pode ser compreendida/contextualizada em sala das seguintes formas:

Quadro 03 Referências da categoria de análise Lugar

ESPAÇOS	LUGAR
São Salvador	<p>Partindo da perspectiva dessa categoria, o lugar é espaço que se desenvolvem as relações sociais, é nele que se estabelece os sentimentos. É na cidade de Salvador que os Capitães da Areia alimentam profundos e variados sentimentos, sejam eles bons, pois desfrutam da liberdade na cidade, ou emoções negativas, já que é nela que os personagens enfrentam a pobreza, marginalização e a repressão policial, refletindo diretamente na percepção do lugar.</p> <p>O Trapiche se estabelece como sendo um lugar de grande</p>
-	
Trapiche	

Cais e do Porto - Mercado Modelo	significado, nele os meninos se abrigam e estabelecem relações de afetividade. Ao mesmo tempo, partindo das amizades que são construídas com aqueles que compõem o cais do Porto e o Mercado, os mesmos passam a ser compreendidos como lugares de extrema familiaridade dos personagens.
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Quadro 04 Referências da categoria de análise Paisagem

ESPAÇOS	PAISAGEM
São Salvador - Os bairros e as ruas	<p>Jorge Amado desenha as formas e as características da cidade de Salvador, permitindo ao leitor visualizar e desvendar tais aspectos. Ao longo de toda a obra, a paisagem urbana é descrita como sendo colonial, refletindo as características reais da paisagem de Salvador, pois é uma cidade que conserva numerosos edifícios da sua época de formação. Outro exemplo recorrente, é quando a mesma é referida como “cidade religiosa”, cujo sentido é revelar as múltiplas igrejas que a paisagem da cidade nos apresenta.</p> <p>A categoria paisagem também se reflete à medida em que os bairros e as ruas são adjetivados. Os bairros representando os espaços “supremos”, e as ruas os espaços “desafortunados”.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Quadro 05 Referências da categoria de análise Território

ESPAÇO	TERRITÓRIO
Trapiche -	<p>O processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que ocorrem no Trapiche revela o conceito de território. De início, esse lugar marca as relações de poder estabelecidas pelo embarque e desembarque daqueles que lá trabalhavam (territorialização). Com a inundação do cais, pela areia, o lugar perde seu uso e conseqüentemente tem-se o fim do território no trapiche (desterritorialização). Assim, ganhou uma nova função a partir da apropriação dos Capitães da Areia</p>

Capitães da Areia	(reterritorialização). O conceito de território pode ser compreendido a partir da concepção de resistência que se estabelece pelos próprios personagens. Marca-se um território de resistência ao passo em que grupos de excluídos, marginalizados pela sociedade (a qual os Capitães da Areia se inserem), se opõem àqueles que os menosprezam.
-------------------	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Quadro 06 Referências da categoria de análise Região

-	REGIÃO
A obra por completa!	<p>A região Nordeste não é representada por um espaço específico, ela pode ser caracterizada a partir da análise completa da obra, na qual revelam as expressões culturais, linguísticas e paisagísticas desta região.</p> <p>A descrição do personagem Volta-Seca pode ser usada para debater sobre a região Nordeste, uma vez que o autor o personifica a imagem do Cangaco. Este movimento, representou a voz do Nordeste no final do século XIX e início do século XX, ressoando como um símbolo da cultura regional.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

TERCEIRO MOMENTO: Pensar a relação do aluno com a cidade.

Ao mapear/caracterizar e inseri-los na categoria de análise correspondente, os espaços de Salvador deverão servir como ponte para o aluno pensar sua relação com a cidade.

Nesse momento, é importante investigar questões gerais acerca das cidades, analisando e compreendendo os processos de construção dos espaços urbanos, evidenciando a relação sociedade/natureza.

Com a ajuda dos alunos, devem ser colocados em questão os aspectos da cidade. Os principais conteúdos tratados poderão vir a ser: história da cidade, sítio urbano, funções urbanas, como também, elementos do ponto de vista cultural e social.

Partindo dessas perspectivas, o aluno deverá ser motivado a refletir sobre as seguintes pontos e questionamentos:

- Na obra, os espaços ganham sentidos a partir da interação dos personagens com eles. Levando-os a pensar que, enquanto cidadão, são responsáveis por criar e dar sentido à cidade.
- Assim como na obra, somos “personagens” da nossa cidade, pois atribuímos sentidos aos lugares.
- Se a sua cidade fosse o cenário de algum livro literário, quais espaços serviriam de palco para a história?
- Quais você simbolizaria?

Na última etapa, o aluno deve ser desafiado a replicar o quadro utilizado no início da proposta, montando-o a partir das suas experiências com a cidade. Nesse processo, o professor também poderá realizar comparações/semelhanças entre os espaços destacados de Salvador e os frisados pelos alunos.

Por fim, ao identificarem os espaços, é indicado que a turma os reproduza como suporte em uma história em quadrinhos. Atentando que os mesmos sejam replicados em consonância com suas características reais, ou melhor, simbolizando-os a partir dos significados apreendidos por meio das suas vivências.

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO:

Contínua, a avaliação deve levar em consideração todos os processos da proposta didática. Em todas as etapas, o aluno tem de ser avaliado quanto ao seu comprometimento com o programa de tarefas, na desenvoltura e habilidades de leitura, análise, interpretação, sistematização das informações pré-estabelecidas e na participação no processo de construção dos conhecimentos em sala de aula. Logo, deve ser avaliado o seu desempenho quanto parte do processo de ensino e aprendizagem.

Ainda de acordo com a proposta didática I, durante a análise da escala “Cidade Alta e Cidade Baixa”, assim como a realidade espacial dos “Bairros e Ruas”, é revelado ao leitor, que há a existência de distintas formas da produção do espaço urbano. A obra nos revela espaços que se distanciam por completo, seja pela sua arquitetura ou pelas condições de vida

que se estabelecem. Logo, partindo da leitura completa do livro, a história que nos é apresentada, possibilita introduzir outras abordagens no ambiente escolar.

PROPOSTA DIDÁTICA II

TEMA: A desigualdade social e a segregação socioespacial.

OBJETIVOS:

Geral: Compreender o fenômeno da segregação urbana e conhecer como esse processo se manifesta na paisagem da cidade do aluno.

Específicos: estudar o tema, mediante as análises de cortes textuais e imagens, que espelham a desigualdade social e a segregação socioespacial; identificar e conhecer os problemas no espaço de convívio do aluno.

PRIMEIRO MOMENTO: Contextualizar o tema.

Partindo das discussões e elaborações das atividades acerca dos espaços vividos dos alunos, é importante provocar um olhar mais analítico sobre a cidade. Além da elaboração simbólica do espaço urbano, Jorge Amado proporciona o debate acerca de diferentes problemáticas, dentre elas, podemos destacar a desigualdade social e a segregação socioespacial.

Para trabalhar esse assunto em sala, o professor deverá elaborar um material didático que inclua a problematização com base em citações que revelam a desigualdade social e a segregação socioespacial.

No primeiro momento, poderá ser exibidas citações como essas abaixo, destacando duas realidades:

Realidade 01

“Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade [...] é um gosto ver o palacete do comendador [José Ferreira], cercado de jardins, na sua arquitetura colonial.” (AMADO, [1937] 2009, p.10).

Realidade 02

“Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relâmpago iluminava o trapiche e então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da Areia.” (AMADO, [1937] 2009, p.95).

“De onde estão podem ver o Mercado e o cais dos saveiros e mesmo o velho trapiche onde dormem [...] – Espia os homem, tá tudo triste [...] Tu sabe... Tudo com cara de fome.” (AMADO, [1937] 2009, p.132)

Apoiando-se nas citações e na (Figura 19) e (Figura 20), a seguir, o professor deverá questionar os alunos sobre as representações de cada realidade, indagando-os sobre cada situação:

Figura 19. Residências do Bairro de Comércio – Salvador



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 20. Edifícios do Bairro da Vitória - Salvador



Fonte: Acervo pessoal (2022)

- Que tipo de realidade se desenha na citação 01?

- Qual o tipo de vivência se manifesta na realidade 02?
- Quais as características das habitações nas duas imagens?
- Partindo das fotografias, podemos discutir aspectos como: acesso a saúde, educação, acessibilidade, coleta de lixo, saneamento básico, segurança, violência, marginalização, exclusão?

Nessa direção, o aluno é impulsionado a refletir a respeito das conjunturas dos espaços urbanos, que alternam da pobreza à abundância, permitindo-o analisar o contexto em que está inserido e as suas relações com os espaços públicos.

Partindo dos questionamentos dos recursos acima, coloque os seguintes questionamentos para ajudar o aluno na compreensão da sua relação com a cidade:

- Quais os lugares onde você busca lazer?
- Quais os serviços que são oferecidos no seu espaço de vivência?
- Você desfruta de muitos?

As indagações devem ser realizadas mediante a exposição do conceito de segregação socioespacial urbana, bem como das suas formas de expressão. Além do mais, se torna importante trabalhar esse conceito associado à luta de classes (tema acentuado em CA), em que, na sociedade capitalista, os “anônima” tendem a residir em áreas mais afastadas e abandonadas.

SEGUNDO MOMENTO: Apontar problemáticas do espaço de vivência.

No segundo momento, para introduzir o tema, será necessário que o professor selecione citações que contextualizam o caráter denunciativo da obra. Dentre as múltiplas possibilidades, destacamos uma que reflete as ações do personagem Padre José Pedro.

Quatro 07 Carta ao Jornal da Tarde - CA

CARTA DO PADRE JOSÉ PEDRO À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Sr. redator do Jornal da Tarde

Saudações em Cristo.

Tendo lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos

dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, sr. redator, daria um volume. Muito grato pela atenção. Servo em Cristo,

Padre José Pedro.

(Carta publicada na terceira página do Jornal da Tarde, sob o título “Será verdade?” e sem comentários.)

Fonte: AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.18.

O personagem em destaque é utilizado por Amado como contraponto, pois sua opinião contrasta-se às demais, no que se refere às injustiças que submergem os Capitães da Areia. Mesmo que com pouca influência, o padre abdica do apreço popular para defender aqueles que tinham a falta de qualquer conforto e carinho. Como podemos observar no trecho anterior, o mesmo não só ampara os meninos, como criminaliza, divulga e conscientiza a sociedade sobre as problemáticas que envolvem os meninos de rua, ou seja, um exemplo claro do exercício de cidadania.

Capitães da Areia é responsável em criar uma narrativa que manifesta o modo de vida do mundo urbano, retratando precisamente a marginalização daqueles que lutam pelo acesso à cidade, a saúde, educação e renda, que vivem em condições de abandono e da extrema pobreza.

Levando em consideração a análise desses aspectos em sala de aula, e a obrigação da geografia na construção da formação cidadã do educando, o professor deverá trabalhar o conceito de cidadania, evidenciando as seguintes noções:

- Conscientizar o aluno quanto ao seu pertencimento a uma comunidade;
- Destacar que o desenvolvimento dela depende do exercício da cidadania;
- Ter conhecimento dos seus direitos e deveres em relação a si mesmo, assim como na defesa do bem coletivo.

Partindo da percepção do aluno quanto a realidade espacial que está inserido, e o olhar crítico sobre ela, é indicado, ao fim do segundo momento, a produção de jornais. Individualmente ou em dupla, os alunos investigariam e fotografariam o problema, produzindo, dessa forma, sua denúncia. Esse material poderá abordar, por exemplo, a

segregação socioespacial a partir de distintos espaços da cidade, bem como, outro quadro sob outras perspectivas, seja de caráter social, econômico ou ambiental.

O material produzido, além de apresentado em sala, deverá ser divulgado em toda a escola a fim de compartilhar com os demais as problemáticas localizadas e analisadas. Assim, permitindo-os não somente saberem o que é ser cidadão, mas torna-los cidadãos de verdade.

PROPOSTAS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação deve levar em consideração a exposição dos jornais, um momento de debate, onde o aluno irá expor suas análises, defender suas opiniões e informações acerca da problemática escolhida. Para avaliar esse momento de interação, o professor deverá apreciar a qualidade das ideias, o material, bem como o desenvolvimento pelo aluno do senso crítico com relação ao espaço da cidade.

Levando em consideração a finalidade deste capítulo de apresentar temáticas que possam ser realizadas nas aulas de Geografia a partir da obra CA, partindo das limitações de tempo e espaço que este Trabalho de Conclusão de Curso comporta, destacamos no quadro abaixo (Quadro 08), outros dois temas e formas de abordagens que podem ser planejadas e executadas em sala de aula.

Quadro 08 Sugestões de conteúdos

Temas	Possíveis abordagens
Pobreza Urbana	Trabalhar em sala o conceito de pobreza e exclusão social. Analisando a partir da concentração da pobreza e miséria em escala mundial, nacional e local. Incluindo políticas de planejamento do espaço urbano.
Paisagem e Tempo	A paisagem é resultado de ações acumuladas pelo homem através do tempo. Em sala de aula, seria possível realizar leituras mais aprofundadas das paisagens e identificar as marcas dos tempos. Simultaneamente, estabelecer comparativos entre os modos de vida das pessoas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Nessa perspectiva, a utilização de *Capitães da Areia*, como aporte teórico, possibilita trabalhar em sala, variados temas geográficos, desenvolvendo um ensino em torno de um trabalho interdisciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Escolar, ao longo dos anos, ampliou suas discussões quanto às múltiplas formas de trabalhar os conteúdos geográficos. Todavia, percebemos que apesar desse avanço, ainda há certa resistência ou falta de uma formação específica, que viabilize um ensino que tenha como base a interdisciplinaridade entre os campos da Geografia e Literatura.

A investigação abordada neste trabalho teve como objetivo revelar as vantagens de se trabalhar conteúdos geográficos mediante a inserção da literatura como ferramenta didática, atentando para as possibilidades do uso de *Capitães da Areia* no ensino da disciplina. Concluímos que a pesquisa alcançou seu objetivo principal, tendo em vista que exploramos e articulamos a estreita relação existente entre esses dois campos atrelando aos conteúdos identificados na obra analisada e como, eventualmente, podem ser abordados em sala de aula.

A linguagem literária se mostra como um suporte para manusear os conteúdos geográficos, uma vez que se apresenta como meio de comunicação. As abordagens que se desenvolvem entre a literatura e os elementos geográficos, possibilitam desenvolver novas perspectivas para o ensino de Geografia, assim como, expandir o imaginário e a reflexão do aluno, contribuindo para a formação do seu pensamento crítico.

Partindo da interação fantasia e realidade, *Capitães da Areia* se debruça acerca da realidade espacial da cidade de Salvador, permitindo, assim, trabalhá-la enquanto representação do espaço urbano e todas as nuances que a simbolizam. Nessa perspectiva, os espaços analisados partem das concepções e significados delineados pelo autor ao longo de toda história, bem como das problemáticas que se estabelecem entre os personagens e a cidade.

Por esse ângulo, as temáticas exploradas a partir do texto literário podem ser problematizadas, em sala de aula, na medida que o aluno seja direcionado a pensar sua relação com a cidade onde vive, capacitando-o a compreender e lidar com as circunstâncias que o cercam.

Dessa forma, tais objetivos resultam na elaboração das propostas didáticas, destinadas para a etapa final da Educação Básica, o Ensino Médio. A pesquisa realizada neste trabalho monográfico, ao passo em que estabelece temáticas, objetivos, procedimentos e propostas avaliativas, oferece suporte para que o professor de Geografia tenha um melhor direcionamento dos conteúdos em sala de aula.

Acreditamos que pesquisas posteriores possam gerar novas reflexões, aprofundando-se em outras discussões, norteando-se por novas teorias, apontando novos conteúdos e procedimentos para trabalhar a obra em consonância com os objetivos da Geografia Escolar.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Adriano & BRANDÃO, Paulo. **Geografia de Salvador**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BARBOSA, Maria E. S. **A Geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades**. Uberlândia: Revista de Ensino de Geografia, 2016.
- BABERENA, Ricardo. **A cidade desejada e sublimada por Jorge Amado: os lugares imaginados em Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador**. Brasília: est. lit. bras. Contemp., 2013, p.103-111.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (2006). **Orientações curriculares para o ensino médio**. Vol. 3. Ciências humanas e suas tecnologias.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, 2005. p. 227-247
- CAPITÃES da Areia. Direção: Cecília Amado. Brasil/Portugal: Telecine, 2011.
- CASTROGIOVANNI, A.C.; REGO, N.; KAERCHER, N.A. **Geografia Práticas Pedagógicas Para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CAVALCANTI, Lana. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- COSTA, Marcos. **A História do Brasil**. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
- D'ÁVILA, F. M. **Os conceitos geográficos de lugar e paisagem em livros de literatura infantil e juvenil catarinense**. (Graduação) – Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2018.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**/ tradução Waltensir Dutra; revisão da tradução João Azenha. - 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Biblioteca universal)
- FUNI, Lucas L.; MELLO, Márcia C. O. **A importância dos conceitos no ensino de geografia – do discurso científico ao escolar: um caminhar da região ao território**. São Paulo: CEPFE, 2016.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer, SCHWARCS, Lilia Moritz (Orgs.). **Caderno de leituras; o universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JAMBEIRO, Othon *et al.* **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação.** Salvador: EDUFBA, 2004.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra.** Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LISBOA, Severina Sarah. **A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares.** In Revista Ponto de Vista, 2007.

MARANDOLA, Janaina A. M. Silva. **O geógrafo e o romance: Aproximações com a cidade.** Rio Claro, v.31, n.1, p.61-81, jan./abr. 2006.

MELO, A. Á.; VLACH, V; SAMPAIO, A. C. F. **História da Geografia Escolar Brasileira: Continuado a Discussão.** Curitiba: CRV, 2012.

NASCIMENTO, Julia Riechelmann *et al.* **Análise Semiótica da Linguagem Literária e Cinematográfica de Capitães da Areia.** São Paulo: Leopoldianum, 2019.

NASCIMENTO, Evando. **A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico.** Gragoatá, Niterói. 2015, p.376-391.

PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia Escolar no Brasil e a visão dos alunos de Ensino Médio sobre a Geografia atual.** 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia – 3ª Ed. –** São Paulo: Cortez, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** In _____. **Nodosidade, centralidade e marginalidade.** São Paulo: Ática, 1993. Cap. 3 p. 186-199

ROCHA, Genylton O. R. **O colégio Pedro II e a institucionalização da geografia escolar no Brasil império.** Rio de Janeiro: Giramundo, 2014. p. 15-34.

SANTOS, Milton. **O centro da Cidade de Salvador.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo/razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** -6ª. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, José Borzacchiello. **França e escola brasileira de Geografia: verso e reverso.** Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SILVA, M. S. F. *et al.* **O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos.** São Cristóvão: UFS, 2012.

SILVA, Vânia Regina Jorge da. **Os conceitos geográficos e sua importância na formação do professor para uma didática escolar.** In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.4, 2016.

SOUSA, Joacileide Bezerra. **Geografia e literatura: um posicionamento a partir da obra “Vidas Seca” de Graciliano Ramos.** (Graduação) – curso de Geografia, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - campus Cajazeiras, 2013.

UEHBE, Lais Nascimento. **Geografia, Literatura e Cidade: Uma análise geográfica dos romances urbanos de Jorge Amado.** (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana – São Paulo, 2018.

VESENTINI, J. W. **Para uma Geografia Crítica na escola.** São Paulo: Editora do autor, 2008.

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** Tradução Luís Carlos Borges; revisão da tradução Silvana Vieira; revisão técnica Valter Lellis Siqueira. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZOTTI, S. A. **A fundação social do ensino secundário no contexto de formação da sociedade capitalista brasileira.** Dissertação (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – São Paulo, 2009.

ZOTTI, S. A. **O ensino secundário nas Reformas Francisco campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar.** [s.d.].

Disponível em: <https://docplayer.com.br/3758929-O-ensino-secundario-nas-reformasfrancisco-campos-e-gustavo-capanema-um-olhar-sobre-a-organizacao-do-curriculo-escolar.html> Acesso em: 29/06/2021